



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO
CAMPUS DE UBERABA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

TALITA MACHIAVELLI DO CARMO

**O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DE ALUNOS
DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM PEDREGULHO-SP**

Uberaba
2021

TALITA MACHIAVELLI DO CARMO

**O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DE ALUNOS
DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM PEDREGULHO-SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM - Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: II - Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Barbosa Vidal.

Uberaba
2021

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C285e Carmo, Talita Machiavelli do
O ensino da argumentação para a formação crítica de alunos do 9º ano
de uma escola pública em Pedregulho - SP / Talita Machiavelli do Carmo.
-- 2021.
107 f. : il., fig., graf.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional) --
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2021
Orientadora: Profa. Dra. Maria Eunice Barbosa Vidal

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Retórica. 3. Leitura. 4. Es-
crita. I. Vidal, Maria Eunice Barbosa. II. Universidade Federal do Tri-
ângulo Mineiro. III. Título.

CDU 811.134.3(07)

TALITA MACHIAVELLI DO CARMO

**O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DE ALUNOS
DO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM PEDREGULHO-SP**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), UFTM. Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFTM-Uberaba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: II - Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Uberaba, 22 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:

Dr.^a Maria Eunice Barbosa Vidal – Orientadora
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr.^a Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr.^a Maria Silvia Pereira Rodrigues-Alves Barbosa
Centro Universitário Municipal de Franca – Uni-FACEF



Documento assinado eletronicamente por **MARIA EUNICE BARBOSA VIDAL, Professor do Magistério Superior**, em 22/02/2021, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **JULIANA BERTUCCI BARBOSA, Professor do Magistério Superior**, em 05/03/2021, às 01:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Silvia Pereira Rodrigues Alves Barbosa, Usuário Externo**, em 08/03/2021, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#) e no art. 14 da [Resolução nº 34, de 28 de dezembro de 2017](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.uftm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0480471** e o código CRC **C4017E5D**.

Dedico ao meu pai José Reinaldo do Carmo,
que continua em meu coração, nas minhas lutas
e vitórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz presente em todas as pessoas que me presenteiam com sorrisos e afetos;

À minha querida orientadora, Dra.^a Maria Eunice Barbosa Vidal, que em mesmo em meus momentos de fraqueza, não desistiu de mim, conduzindo, motivando e descobrindo novos caminhos comigo;

Ao meu pai, *in memoriam*, meu maior incentivador profissional e pessoal. Obrigada, papai, pelo ser humano em que transformei;

À minha mãe, pela sua enorme força e capacidade em transformar dores em alegrias. Obrigada, mamãe, por incentivar a minha vocação docente;

Ao meu filho Eduardo, minha inspiração diária para sempre buscar o melhor;

À minha irmã Tatiana e sua família (Léo, Gui e Nando), exemplos de amor, conhecimento e ética;

À minha irmã Maria Elis, minha companheira de boas conversas;

À tia Sônia Machiavelli, que a cada texto novo incita minha paixão pela Língua Portuguesa;

Aos meus queridos alunos, que acolheram esta pesquisa com muita doação e amor;

Aos professores do PROFLETRAS, pela competência em ministrar aulas e acolhimento;

A todos meus amigos da turma PROFLETAS/2019, em especial à Patrícia, exemplo de força e determinação nos dias com medo; à Melina, por ser abraço nos momentos de solidão e à Vera, pela amizade incondicional.

“Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco”

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

A presente dissertação é resultado de uma pesquisa-ação elaborada à luz da linha de pesquisa: “Estudos da linguagem e práticas sociais” e objetivou a formação crítica de alunos do 9º ano de uma escola pública em Pedregulho, interior do estado de São Paulo. Na perspectiva da Linguística textual, incluindo-se autores da retórica e em consonância aos documentos norteadores do Brasil (BNCC, PCN) e do Currículo Paulista, fomentamos o ensino da escrita argumentativa por compreendê-la como essencial para os alunos em contexto da sociedade e por conseguinte, importante instrumento de convencimento entre os interlocutores; além de sua exigência em admissões às universidades, empregos e afins. Desta forma, após coleta de dados quantitativos colhidos em questionário, que possibilitou traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa e a diagnose sobre reconhecimento da argumentação por parte dos estudantes, fundamentamos nosso trabalho a partir dos autores: Kock (2006), Koch e Elias (2006, 2017), Marchuschi (2008), entre outros. Esses estudos possibilitaram a elaboração de um roteiro didático que estimulou a reflexão e a produção de argumentos. Contemplamos nesse material, as leituras de dois contos, a saber “Corvoeirinhos”, Roger Mello (2009) e “Acompanhando meu pincel”, Dolores Devi (2017), que foram realizadas de forma colaborativa, mediadas pela professora-pesquisadora, e promoveram a discussão sobre o mote planejado. Também propusemos outras leituras de textos sobre o mesmo tema, uma vez que sabemos que a argumentação transcorre por vários gêneros, contribuindo assim para a formação do léxico e outras estratégias argumentativas. Após as leituras e realização de atividades lúdicas sobre os conceitos abordados, os estudantes aprenderam a utilizar argumentos que justificassem o posicionamento crítico sobre a temática: “Criança deve ou não trabalhar?”. Vale ressaltar que todos os procedimentos metodológicos foram adaptados ao contexto remoto, uma vez que estávamos em isolamento social em decorrência da pandemia da (SARS -COV -2), causada pelo novo coronavírus, permitindo, como conclusão, que o objetivo supramencionado – posicionamento crítico por parte dos alunos – fosse alcançado.

Palavras-chave: Ensino; Argumentação; Leitura e Escrita.

ABSTRACT

This dissertation is the result of an action research elaborated in the light of the research line: "Language studies and social practices" and aimed at the critical training of 9th grade students of a public school in Pedregulho, in the state of São Paulo. From the perspective of textual linguistics, with some authors of rhetoric and in line with the supporting documents of Brazil (BNCC, PCN) and the Paulista Curriculum, we promote the teaching of argumentative writing by understanding it as essential for students in the context of society and, therefore, an important instrument of convincing among interlocutors, in addition to its requirement in admissions to universities, jobs and the like. Thus, after collecting quantitative data collected in a questionnaire, which made it possible to trace the profile of the research subjects and the diagnosis on recognition of argumentation by the students, we based our work on the authors: Kock (2006), Koch and Elias (2006, 2017), Marchuschi (2008), among others. These studies allowed the elaboration of a didactic script that stimulated reflection and the production of arguments. We contemplate in this material, the readings of two short stories, namely "Corvoeirinhos", Roger Mello (2009) and "Following my brush", Dolores Devi (2017), which were carried out collaboratively, mediated by the teacher-researcher, and promoted the discussion about the planned motto. We also proposed other readings of texts on the same theme, since we know that the argumentation takes place by several genres, thus contributing to the formation of the lexicon and other argumentative strategies. After reading and performing playful activities on the concepts addressed, the students learned to use arguments that justified the critical position on the theme: "Should child or not work?". It is noteworthy that all methodological procedures were adapted to the remote context, since we were in social isolation due to the pandemic (SARS -COV -2), caused by the new coronavirus, allowing, as a conclusion, that the above-mentioned objective – critical positioning by the students – be achieved.

Keywords: Teaching; Argumentation; Reading and Writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização da cidade de Pedregulho – São Paulo	45
Figura 2 – Casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil	51
Figura 3 – Reportagem do site da “Revista Exame”	53
Gráfico 1- Sexo dos participantes	47
Gráfico 2- Faixa etária dos participantes	47
Gráfico 3- Localização de moradia dos participantes	48
Gráfico 4- Informações sobre o interesse em escrever dos participantes	48
Gráfico 5- Informações sobre a importância da produção de texto para os participantes.....	49
Gráfico 6 -Motivações dos participantes sobre ato de escrever um texto	49
Gráfico 7- Conhecimento dos participantes em relação à argumentação	50

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Curricular Comum

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	14
2.1 O ESTUDO DA LÍNGUA	14
2.2 A LINGUAGEM E O TEXTO.....	15
2.2.1 A leitura como um processo de interlocução entre leitor/autor	17
2.2.2 A importância do ensino dos gêneros e tipologias textuais.....	19
2.2.3 A argumentação na multiplicidade de gêneros.....	22
2.3 DOCUMENTOS OFICIAIS NORTEADORES DE ENSINO NO BRASIL	23
2.3.1 Os PCN de Língua Portuguesa em relação à produção escrita.....	24
2.3.2 A BNCC e argumentação.....	25
2.3.3 O Currículo Paulista e argumentação	27
2.4 ARGUMENTAÇÃO	28
2.4.1 Breve histórico sobre a argumentação	28
2.4.2 O que é argumentar.....	28
2.4.3 O léxico e as estratégias argumentativas	31
2.5.1 O gênero conto	34
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E <i>CORPUS</i>	38
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	38
3.1.1 Por que trabalhar com “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu Pincel”?	40
3.1.2 Contexto e participantes da pesquisa	44
3.1.3 Análise dos dados para traçar o perfil da turma do 9º ano de uma escola pública de São Paulo	46
4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: ROTEIRO DIDÁTICO	51
4.1 Etapa 1: Diagnose.....	51
4.1.1 Etapa 2: Elaboração Roteiro Didático.....	55

4.1.2 Etapa 3: Leitura dos contos “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu pincel”	56
4.1.3 Etapa 4: Aplicação das Atividades do Roteiro Didático	58
4.1.4 Etapa 5: Produção de Argumentos	59
REFERÊNCIAS	66
ANEXO A – Textos dos alunos referentes à Diagnose.....	68
ANEXO B – Textos dos alunos referentes à Atividade 7.....	73
ANEXO C – Textos dos alunos referentes à produção final	76
APÊNDICE A – Roteiro Didático	80
APÊNDICE B - Questionário Pesquisa Argumentação.....	105

1 INTRODUÇÃO

O convívio em sociedade exige muito de nós, os leitores. Para os alunos que estão na etapa de concluir o Ensino Fundamental, também. Essa exigência está associada aos avanços tecnológicos, especialmente das comunicações em contextos virtuais, que têm implicado na divulgação de variados textos em redes sociais.

Talvez nunca tenhamos tido tanto acesso às palavras como agora, que são organizadas e direcionadas em formas de anúncios, *memes*, notícias, crônicas etc. Mas como compreender e interpretar cada texto que chega rapidamente até a nós? Como criar respostas aos discursos contrários à nossa posição com ética? Como responder aos discursos pouco confiáveis e manipuladores? Como confrontar esses discursos?

A resposta também se concentra na formação do indivíduo como leitor e escritor de textos argumentativos. Esta pesquisa-ação visa promover o trabalho em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental da cidade de Pedregulho-SP, cidade no interior do estado de São Paulo e objetiva promover a elaboração do pensamento crítico através da argumentação

De tal modo, considerando o objetivo principal desta pesquisa, contemplamos um estudo que visou também à reflexão do pensamento autônomo a partir dos diálogos construídos nas discussões sobre o tema específico coincidente em diversos textos, além do estímulo ao uso de estratégias argumentativas.

Refletindo sobre os aspectos que conduziram a pesquisa, importante citar os documentos norteadores oficiais do ensino no Brasil, a saber: Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2017), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e, especificamente, no Estado de São Paulo, o Currículo Paulista (2019), que sugerem a formação integral e a construção de sujeitos questionadores, com capacidade crítica analítica e que saibam defender pontos de vista, de acordo com determinados contextos linguísticos.

À luz da perspectiva sociocognitiva e da Linguística textual, incluindo-se autores da retórica, apoiamos nossos trabalhos em Kock (2006), Koch e Elias (2006, 2017), Marchuschi (2008), entre outros. que foram fundamentais para as decisões sobre quais princípios teóricos deveríamos utilizar para atingirmos aos objetivos propostos.

Concebendo a língua como a materialização das relações humanas e respectivas intenções socialmente dirigidas, iniciamos a pesquisa quantitativa para validar nossas impressões sobre a turma de alunos, sujeitos da pesquisa.

Após analisar os resultados e, traçar o perfil dos alunos, realizamos também uma atividade para diagnosticar se a turma reconhecia o que eram argumentos e constatamos que, apesar de expressar sobre o assunto mencionado, conforme se verá mais adiante, a sala não conseguiu justificar os pontos de vista, através de argumentos convincentes.

Para o ensino da argumentação, através do aporte teórico analisado, elaboramos um roteiro didático contendo dez planos de aulas compilados estrategicamente para recomendar atividades de ensino que conduziram à argumentação, como também indicações de leituras que puderam ser utilizadas de forma colaborativa (mediadas pela professora-pesquisadora) de dois contos infantis: “Corvoeirinhos”, Roger Mello (2009) e “Acompanhando meu pincel”, Dolores Devi (2017). Tais opções partem do tema do trabalho infantil, assim como nos outros gêneros expostos ao longo do roteiro didático que cumpriram a função de proporcionar conhecimento de mundo e ampliação do repertório lexical

O roteiro didático, além da multiplicidade de gêneros textuais, contempla também, sugestões de conteúdos e atividades lúdicas, interativas como fórum de internet, cruzadinha e propõe a didática centrada na reflexão sobre o que é a argumentação, ensino das estratégias e tipos de argumentos, fundamentais para a oralidade e escrita argumentativa.

A aplicação desse roteiro, porém, foi de maneira virtual. Em decorrência da pandemia mundial da (SARS - COV -2), causada pelo novo coronavírus, fomos resguardados e cumprimos isolamento social em casa. Diante disso, todas as atividades foram adaptadas ao ensino remoto e foram cumpridas de maneira satisfatória.

Após assinatura do termo de consentimento pelos responsáveis, as aulas virtuais ocorreram duas vezes por semana por um período de agosto a outubro de 2020, e intercalamos a explanação dos conteúdos entre aulas expositivas e interativas. No final desse período, os alunos desenvolveram a escrita argumentativa utilizando estratégias e tipos argumentativos.

No que concerne aos estudos para a aplicação da pesquisa-ação, o presente manuscrito mostrará os caminhos percorridos até a construção de parágrafos argumentativos, resultado dos estudos dos aportes teóricos citados.

Na primeira seção, abordamos a concepção de linguagem, língua e texto e acreditamos que a perspectiva interacionista não defende a simples transmissão de mensagens, mas evidencia as reais intenções nas situações comunicativas, por isso que a palavra ganha outros significados dependendo do contexto em que está inserida.

Como o texto é a forma de expressão desses enunciados interativos, relevante para o ensino da argumentação, a leitura de diversos gêneros textuais, ampliou a bagagem cultural e o repertório linguístico dos estudantes.

Na subseção da argumentação, além de um breve histórico, explicamos o que é argumentar e fizemos a distinção entre convencer e persuadir. Considerando que a argumentação está no campo das ideias e presente em variados gêneros textuais, descrevemos algumas estratégias que auxiliam na produção de argumentos, dentre elas, priorizamos a seleção lexical como a mais importante, pois é através dela que o interlocutor escolhe e atribui os efeitos de sentido desejados.

Não menos importante o estudo sobre o gênero conto, uma vez que escolhemos dois textos que tratam da mesma temática, para mediar a leitura e colaborar com a estratégia da seleção lexical. Através do encontro com os contos, os alunos puderam retomar a voz dos personagens e inseri-las aos próprios discursos.

Na seção dos procedimentos metodológicos, explicamos o modelo de pesquisa adotado e justificamos minuciosamente a escolha dos contos trabalhados, como também identificamos a presença da argumentação nas narrativas.

Na seção sobre a proposta de intervenção, apresentamos as etapas para construção do roteiro didático e como aplicamos as atividades em decorrência das normas impostas de distanciamento social. Mostramos os resultados da diagnose e, pela surpresa do distanciamento social, aprimoramos nossos conhecimentos sobre recursos tecnológicos; fizemos aulas interativas em plataformas *online* como o *Google Meet*, assim como desenvolvemos vídeos com técnicas diferenciadas para a leitura colaborativa dos contos escolhidos e das atividades que também foram aplicadas virtualmente.

Os resultados, apesar das dificuldades no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, demonstraram que os alunos compreenderam os conceitos estudados; fizeram reflexões sobre os textos lidos e construíram argumentos para defender pontos de vista, uma vez adquiriram repertório linguístico sobre o tema: ‘Criança deve ou não trabalhar?’.

Esperamos que este trabalho possa inspirar outros professores e novas pesquisas em direção à superação dos desafios que a Educação Pública, na atualidade, impõe.

2 CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

Como esta pesquisa investiga a formação crítica dos alunos através da argumentação, importante considerar, a nosso ver, a tríade interação entre interlocutores, a língua e o texto, uma vez que esses são os responsáveis pelas intenções comunicativas.

Assim, nesta seção, a fim de definir a concepção em que se embasa esta pesquisa, apresentamos, sucintamente, algumas considerações a respeito de língua; linguagem e texto; a leitura como processo de mediação entre texto, o estudo sobre gêneros e a presença da argumentação neles. Também abordaremos o que regem os documentos oficiais sobre a argumentação no Brasil, além das estratégias argumentativas.

2.1 O ESTUDO DA LÍNGUA

A língua era estudada pelos filósofos gregos apenas no campo da argumentação e da retórica, conforme Citelli (2002, p. 7) “essa recuperação do espaço cultural e linguístico do mundo clássico é necessária, visto que a preocupação com o domínio da expressão verbal nasceu entre os gregos”. Assim, é importante ressaltar que para o estudo da argumentação, a retórica moderna retoma os procedimentos que são utilizados para a correspondência entre ideias e pontos de vista.

Como Fiorin (2018, p. 78) destaca que “a argumentação é uma questão de linguagem”, vale considerar as concepções de linguagem, língua e texto, pois esses conceitos contribuem para a compreensão do processo de formação da argumentação, objeto do nosso estudo.

De acordo com estudos sobre o histórico da concepção da linguagem, havia a ideia de que a língua é a transferência do pensamento humano organizado em forma de texto, sendo assim, ocorria de maneira individual, racional e articulada. Por isso, levava-se somente em conta a fidelidade às regras gramaticais, uma vez que era compreendida como um sistema de normas acabado, fechado e sem interferência do contexto social.

A segunda concepção, que surgiu em decorrência da teoria Estruturalista, do suíço Ferdinand de Saussure (1857 -1913), em seu Curso de Linguística Geral (2006), vai empreender a língua como um sistema de signo linguístico, estabelecida pela relação entre significante (som da palavra) e significado (como imaginamos a palavra), cujas mensagens são proferidas de acordo com um sistema com regras estabelecidas.

Também para Saussure (2006), a linguagem não é só um conjunto aleatório de palavras, mas uma estrutura em que vocábulos e significados estão relacionados entre si. Apesar de considerar a linguagem como um sistema social internalizado pela língua, não evidencia a autonomia dos falantes neste processo comunicativo (sincrônico).

Na sequência às contribuições de Saussure, outros estudos vão impetrar considerações para nossa análise. Podemos considerar o gerativismo, fundamentado por Noam Chomsky, que se opôs ao Estruturalismo, pois considerava a linguagem gerativa, ou seja, a possibilidade de se criar inúmeras expressões a partir da própria língua enraizada no indivíduo.

A terceira concepção da linguagem – que adotamos nesta pesquisa – é chamada de sociointeracionista e, na ótica de Bakhtin (1997), a atividade mental do sujeito e sua expressão exterior se constituem a partir do social, portanto, toda a enunciação é socialmente dirigida. Também, de acordo com Geraldi et al (2012), é por meio da linguagem sociointeracionista que as reais intenções dos interlocutores são manifestadas nos processos comunicativos, ou seja, é necessário prezar as relações humanas a ponto de não só transmitir pensamentos, mas agir, interferir sobre o outro.

Para o ensino efetivo da Língua Portuguesa na escola, importante privilegiar tal concepção, pois é ela que compreende as intenções comunicativas manifestadas a partir dos contextos sociais e culturais vivenciados pelos estudantes. Em relação ao estudo da argumentação, a linguística sociointeracionista permite também um olhar aguçado para o repertório linguístico dos alunos e possibilita a ampliação desta bagagem lexical, para a construção de pontos de vista, ou seja, ela vai além do estudo simples da gramática.

É no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados de acordo com o contexto em que surge, não só por transmitir pensamentos como defendem os estruturalistas, mas principalmente por considerar o sujeito como um ser vivo nas relações sociais, que poderá elaborar suas próprias reflexões à luz das suas necessidades enunciativas. Desta forma, o texto, elemento de ligação entre os interlocutores, é o lugar onde o sujeito se constrói e é construído a partir das relações interacionais estabelecidas.

Portanto, para podermos pensar em construção de argumentos, precisamos compreender as estratégias, as formas de raciocínio, tipos e as organizações dos discursos envolvidos nestas relações interativas.

2.2 A LINGUAGEM E O TEXTO

Diferentes concepções de língua e linguagem permeiam os estudos linguísticos ao longo do tempo e dentre elas, as mais significativas, podemos citar: como um sistema de signos não arbitrários e uma instituição social, individual e psíquica em Saussure [2006]; como uma herança genética herdada pela espécie em Chomsky [2010]; como um sistema de código pelos estruturalistas. Mas devemos considerar como fundamental para o ensino da Língua, a manifestação enunciativa de atividades de interação socioculturais e cognitivas em Bakhtin [1997], pois desta forma, reconhecemos que a linguagem é o resultado da expressão entre a interlocução de sujeitos e revela através da língua os comportamentos que se deseja provocar em seus pares.

A linguagem se apresenta como um produto do jogo das relações da sociedade, em que um interlocutor se comunica no intuito de interagir e agir sobre o outro. Como menciona Geraldi et al (2012, p. 41), “por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala”.

Estes vínculos mencionados por Geraldi et al (2012) podem ser expressos pelo texto oral e pelo texto verbal e é nesse tocante que precisamos compreender o que é texto, tipos de textos e os respectivos gêneros, para compreendermos que a produção dele é composta não somente através da simples escolha do léxico e das regras linguísticas, mas também vem carregada de operações cognitivas e sociais, por isso, estão cheias de intenções comunicativas em sociedade.

Antunes (2010, p. 37) menciona que “o texto é um traçado que envolve material linguístico, faculdades e operações cognitivas, além de diferentes fatores de ordem pragmática ou contextual”, e Marcuschi (2008, p. 75) afirma que “o texto não é simplesmente um artefato linguístico, mas um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos”.

Partindo destes pressupostos, fica claro salientar que o texto não é um conjunto de palavras que precisam simplesmente ser decodificadas. Na perspectiva interacionista, a qual adotamos nesta pesquisa, os interlocutores participam integralmente na situação sociocomunicativa e o texto nada mais é que a materialização das suas intenções comunicativas.

Portanto, para a utilização dos textos trabalhados e em variados gêneros, na sala de aula, importante apoiar tais premissas, pois compreendemos como foram a recepção, a compreensão e a reação frente à estas leituras, por parte dos alunos, pois conforme Brandão et al (2002, p.18):

[...] uma abordagem que privilegie a interação deve reconhecer tipos diferentes de textos, com diferentes formas de textualização, visando a diferentes situações de interlocução. O reconhecimento disso tem levado os estudiosos da linguagem à busca de uma classificação dos diferentes gêneros do discurso. Considero essa questão uma das fundamentais nos estudos da linguagem, com implicações no ensino da língua.

Por isso, devemos estimular o ensino em diferentes gêneros textuais e a relevância de conhecer e explorar a bagagem cultural e social dos alunos, pois através dessas ações é possível diagnosticar as defasagens na compreensão dos objetivos linguísticos que não permitiram a percepção das intenções argumentativas durante as leituras mediadas.

Considerando os sujeitos que estão em comunidade como os enunciadores e ouvintes destes textos, notamos em Koch (2017, p. 15):

[...] isso quer dizer que na produção e compreensão de um texto não basta o conhecimento da língua, é preciso também considerar conhecimentos de mundo, da cultura em que vivemos das formas de interagir em sociedade.

Ou seja, para a escrita acontecer e para sermos compreendidos pelo texto que produzimos, precisamos interpretar o interlocutor como um sujeito social que possui uma bagagem cultural, desta forma, é notório observar que algumas vezes, o texto produzido em função do coletivo virá composto de objetivos comunicativos singulares e individuais.

Segundo Koch (2006, p. 17), a concepção interacionista perpassa pela argumentação visto que é “uma ação sobre o mundo, dotada de intencionalidade e ideologia”. Para o estudo da argumentação, meta principal desta pesquisa, é necessário compreender que o texto é o objeto de conexão entre os interlocutores, e saber argumentar, em relação a um ponto de vista, é de extrema importância na defesa de ideias, de valores e de postura para convencer por parte dos estudantes.

2.2.1 A leitura como um processo de interlocução entre leitor/autor

Quando questionamos o que devemos ensinar em língua portuguesa, pensamos em atividades de leitura, interpretação, gramática aplicada aos textos e redação e vislumbramos contemplar todas elas. Entretanto, ávidos por ofertar um ensino completo e de qualidade, acabamos não enfatizando nas reais necessidades dos alunos e nas práticas que contribuem para o pensamento autônomo e que prepara o estudante para o convívio em sociedade. Conforme Geraldi et al (2012, p. 89):

No entanto, uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interações, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso.

Desta forma, muitas vezes atropelamos o devido cuidado com o manejo com a linguagem, considerando o texto como um modelo imutável e desprezando as amplas possibilidades de compreensão e diálogos que ele pode oferecer ao leitor, uma vez que “a leitura, é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor ausente, que se dá pela palavra escrita”, como menciona (GERALDI et al 2012, p. 91)

Em seu estudo, Antunes (2003, p. 31) analisa como as aulas de português são mecânicas e menciona “uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício”.

A falta de incentivo à leitura e o excesso de foco à gramática descontextualizada, inviabiliza um ensino que extrapole os limites do desenvolvimento textual e argumentativo. Infelizmente, algumas vezes este é o cenário que rege salas de aulas da rede Estadual de Ensino Paulista que oferece aulas totalmente descontextualizadas onde se perde a essência da real intenção comunicativa.

É evidente que a leitura precede a prática de uma produção escrita e essa integração deve acontecer antes mesmo da análise minuciosa e puramente linguística, pois o ato da leitura não é apenas uma forma de absorver informações e conhecimentos, mas sim, uma estratégia laborativa e cognitiva de compreensão do outro e da necessidade de se fazer compreendido.

Quando há estratégias que conduzem à leitura e a compreensão, conseguimos provocar no outro o entendimento das intenções comunicativas previamente estabelecidas e com a argumentação, não é diferente. Se conseguirmos conviver em sociedade de maneira saudável é porque houve interpretações das leituras de mundo que foram compreendidas e para também sermos compreendidos, devemos no dia a dia, conseguir comunicar de fato o que desejamos expressar.

Cita Marcuschi (2008, p. 231):

A interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é um conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-

texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, pode ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

Essa comunicação, para que ocorra de maneira eficiente, conforme descrito em Marcuschi (2008), é uma atividade laborativa, ou seja, exige preparação para que o resultado seja satisfatório, quando tratamos da argumentação então, precisamos entender que é um trabalho ainda mais refinado. Argumentação, retomando a retórica aristotélica e parafraseando Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989, p 74): “é o emprego de técnicas discursivas visando a provocar ou convencer a adesão de pessoas às teses apresentadas, a argumentação caracteriza-se como um ato de persuasão.”.

Daí a necessidade de aprofundar nesse estudo, dado que a comunicação pura, como troca de informações, muitas vezes gera desconfortos e más compreensões como explana Marcuschi (2008, p. 23):

Esse não é um assunto apenas escolar ou acadêmico, mas de nossa vivência cotidiana, pois entre as experiências negativas que fazemos está a de sermos mal-entendidos em nossas relações comunicativas. Da má-compreensão podem surgir desavenças e acabarem namoros; podemos perder amigos e dinheiro, sofrer acidentes e até deixar de conseguir um emprego.

Portanto, o estudo da argumentação torna-se imprescindível para a formação de um aluno que não irá passar somente no processo seletivo dos vestibulares, através da escrita bem convincente do artigo de opinião ou a conquista de uma vaga em uma entrevista de emprego, mas contribuirá para a formação de um sujeito que possa viver em sociedade defendendo seus pontos de vista e argumentando contra quaisquer injustiças ou argumentos falaciosos que possa ouvir.

2.2.2 A importância do ensino dos gêneros e tipologias textuais

Vimos o conceito de língua, linguagem e texto e leitura do texto como processo de mediação entre autor e leitor. De posse dessas noções, precisamos considerar a definição de gêneros textuais e sua diferença em relação a tipologia textual, pois, através do estudo deles, conseguiremos idealizar linguisticamente metas em contexto sociais e validar o nosso tópico discursivo argumentativo. Na concepção de Marcuschi (2008, p. 154):

Uma das teses centrais a ser defendida e adotada aqui é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar

verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero textual. Daí a centralidade da noção de gênero textual no trato sociointerativo da produção linguística.

Entendemos que a aprendizagem da linguagem materna precede ao estudo gramatical da língua e que de certa forma, desde a infância, fomos recebendo enunciados comunicativos que vamos ouvindo e reproduzindo, assim, quando aprendemos a falar, construímos enunciados. Quando moldamos esses enunciados, estamos falando de gêneros (BAKHTIN, 1997).

Todo gênero textual pode ser compreendido como unidades formadoras de sentido (texto) que encontramos no nosso cotidiano e que apresentam padrões e objetivos enunciativos específicos em situações de comunicação (discurso), ou seja, são formas flexíveis textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas (MARCUSCHI, 2008).

Já a tipologia textual caracteriza-se pela rigidez, pela estruturação pautada em sequências linguísticas, pelo uso de vocabulário específico, por relações lógico-semânticas com propriedades mais fixas, sendo os grandes conjuntos nos quais estão contidos os gêneros textuais.

Ao pensar nos elementos caracterizadores das tipologias textuais precisamos compreender os sentidos para as quais elas são produzidas, assim ao percorrer os textos que circulam na sociedade, podemos reconhecer a presença da narração, exposição, injunção, descrição e argumentação.

A tipologia narrativa caracteriza-se pela demonstração de uma sequência de fatos que envolvem personagens, espaço, tempo e narradores; os textos descritivos são configurados através de elementos caracterizadores de uma determinada realidade; os injuntivos são construídos para demonstrar e indicar algo aos interlocutores, para isso há presença dos verbos no imperativo; já a texto expositivo visa à informação clara e objetiva de fatos e ideias.

A argumentação, que é foco deste trabalho, evidencia a organização lexical elaborada para convencer os interlocutores a respeito de uma tese e por estar concomitantemente a outras tipologias em determinado gênero, objetiva estudo mais profundo para sua construção.

Isto é, a argumentação é uma tipologia textual e quando a reconhecemos em um determinado gênero, temos condições de inferir sentidos produzidos pelos enunciadores, por isso, surgiu a orientação de um trabalho com diversos gêneros, para que os alunos percebessem que todo texto possui objetivos implícitos e pressupostos, ninguém escreve sem uma intenção programada, ainda que inconsciente.

É de suma importância considerar a variedade de gêneros textuais que corroborarão para obtenção e ampliação do repertório linguístico, daí a necessidade de trabalhar em sala de aula, temas que possibilitem a múltipla relação entre a leitura e a escrita, cujo trabalho simultâneo proporciona a aquisição da linguagem de forma mais autônoma e competente, como cita Lopes-Rossi (2002, p. 29):

O desenvolvimento da competência comunicativa é imprescindível para que o aluno aja como sujeito ativo em suas produções textuais e, para tanto, a competência comunicativa “[...] deve incluir, além de conhecimentos linguísticos referentes ao léxico e à estrutura da língua, também conhecimentos específicos a respeito dos diferentes gêneros discursivos.

Assim, precisamos considerar que a ampla escolha de gêneros textuais para as atividades de intervenção desta pesquisa não foi de forma arbitrária, mas reconhecendo que cada texto proposto para intervenção objetiva colaborar com a ideia da presença da argumentação em variadas leituras. A tipologia rígida é centrada no convencer, porém, podemos encontrar argumentos em bilhetes, carta ao leitor, artigo de opinião, notícias, mesmo sendo em diferentes gêneros.

Segundo Fiorin (2007, p. 101), os gêneros estabelecem “uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos, e ao mesmo tempo, por eles a vida introduz-se na linguagem”. Durante esse processo, a vida social e os acontecimentos no mundo têm que fazer parte do ensino de Língua Portuguesa porque implicam na produção de sentido por parte dos interlocutores e são manifestados via texto, que são caracterizados como gêneros por transportar determinados propósitos comunicativos ou intencionalidades discursivas, como afirma Cunha (2002 p. 181)

Isso significa que a linguagem só é compreendida se tivermos acesso a seus elementos constituídos: participantes, lugar, tempo, propósito comunicativo (convencer, explicar, responder, elogiar, dizer verdades ou mentiras, agradar, criticar etc.) e às diferentes semiologias que entram em jogo na sua produção.

Diante disso, nas atividades interventivas propostas para esta pesquisa, trabalhamos argumentação tomando por base o tema do trabalho infantil em diferentes gêneros como: notícia, crônica, reportagem, artigo de opinião, anúncio publicitário, fórum de internet e outros.

2.2.3 A argumentação na multiplicidade de gêneros

Os textos inseridos em determinados suportes de comunicação são expostos de acordo com as respectivas intencionalidades sociocomunicativas, assim conseguimos compreender o porquê da diversidade de gêneros textuais.

Se buscamos contestar, por exemplo uma “reportagem”, publicada em um jornal impresso (que é um suporte que comporta múltiplos gêneros), poderemos escrever uma “carta ao leitor”, considerando: o “remetente”, “o destinatário”, “a saudação” e a própria “argumentação” presente na contestação da matéria jornalística divulgada. Ou seja, determinadas escolhas são realizadas a partir da compreensão sobre as funções desses gêneros que circulam em sociedade.

É importante considerar que para o trabalho da argumentação, em uma perspectiva interacionista, como professores, não poderemos ignorar o caráter heterogêneo do gênero, isso equivale dizer que algumas produções possuem uma estrutura tipológica na sua base e outras adicionais, que são construídas de acordo com o contexto e o objetivo da produção de sentido.

A linguagem argumentativa, portanto, observada como interação, revelará as intenções discursivas, promovidas pelos sentidos dos enunciados, como salienta Koch (2017, p.13):

[...] linguagem é interação e seu uso revela relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor.

A produção do texto em determinado gênero vai depender dessa análise discursiva, onde os interlocutores atuam e interagem. Compreender que todos os discursos possuem uma intenção comunicativa, faz com que desperte a atenção e a curiosidade dos alunos leitores. Quando descobrem que toda situação comunicativa vem permeada por um aspecto ideológico, começam a fazer uma leitura em busca de pistas linguísticas, para enfim poderem diagnosticar essas intenções implícitas, como menciona Koch (2006, p. 17): “todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia”.

Podemos depreender que ninguém, ainda que de forma simples, não escreve sem um fim específico, até para escrever um diário pessoal, o adolescente o faz para rever seus relatos posteriormente, isso conota a relevância que o contexto social age na hora de compor o texto.

Em relação a presença da argumentação em gêneros, interessantes constatar que ela está

presente na maioria dos textos, mesmo prevalecendo a tipologia narrativa, como nos contos, por exemplo e também até no discurso considerado neutro, pois não ter o que dizer, pode ser uma intenção subjetiva e subtendida. Assim Brandão et al (2002, p. 32) sinaliza: “fala-se muitas vezes para argumentar e esta finalidade é considerada por uns como sobre acrescentada ao valor descritivo-informacional da linguagem” e “assim, uma descrição ou uma narrativa também são explícitas ou implicitamente atravessadas por uma argumentatividade.

Fiorin (2018) também menciona a presença da argumentação em vários contextos e ressalta que os discursos virão com essa intencionalidade, mesmo que seja para a contestação de uma simples “provocação”, portanto, todos os discursos são argumentativos, pois são ações responsivas a outros discursos:

Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre o outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado (FIORIN, 2018, p. 29).

Para o objetivo de escrever argumentos e colaborar com a formação crítica dos alunos, prevalecem na rotina em sala de aula, além dos exercícios elaborados para promover a reflexão sobre o que é, como são e quais estratégias para argumentar, também a leitura de múltiplos gêneros e tipologias, para que, com a mediação do professor, o aluno possa despertar a curiosidade e a iniciativa de escrever argumentos e responder a diversos discursos.

A escolha também pela variedade de textos vem ao encontro da concepção da linguagem interacionista, que aqui trabalhamos e com a qual concordamos, pois os alunos quando entram em contato com esses novos universos, são capazes de se enxergar e identificar nos contextos ditos, ou antecipados pela mediação, a história de vida de amigos, familiares ou própria história.

2.3 DOCUMENTOS OFICIAIS NORTEADORES DE ENSINO NO BRASIL

Os documentos oficiais merecem nossa atenção por nortearem o ensino da Língua Portuguesa: BNCC (Base Nacional Curricular Comum), PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e, especificamente, no Estado de São Paulo o Currículo Paulista. Desta forma, cabe a nós detalhar os aspectos que tangenciam o ensino da argumentação.

2.3.1 Os PCN de Língua Portuguesa em relação à produção escrita

Antes de mencionar o que orientam os PCN (1998) em relação ao ensino da argumentação, vale ressaltar que essa coleção de documentos foi criada pelo Ministério da Educação (MEC) para servir de apoio aos professores nos seus trabalhos docentes norteando as atividades em sala de aula.

Evidente que cada escola planejará o seu projeto pedagógico de acordo com o contexto e a realidade na qual está inserida, porém, deve seguir os moldes dos PCN (1998) no que tange aos principais conteúdos a serem trabalhados, para que o professor não transmita somente o conteúdo, mas, faça acontecer um aprendizado efetivo que extrapole os muros da escola, conforme o documento (BRASIL, 1998, p. 23):

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Dessa maneira, compreende-se o papel da escola para que a tríade, também mencionada nos PCN (1998) “aluno, língua e ensino”, funcione em comum acordo com as premissas do documento e, para isso acontecer, é o professor que deverá estar atento às práticas metodológicas. Ele precisa criar condições para o desenvolvimento eficaz da linguagem e facilitar o acesso aos textos que circulam em sociedade, para que os alunos desenvolvam a capacidade de compreender textos orais e escritos, argumentativos. De acordo com o documento (BRASIL, 1998, p. 46):

O domínio do diálogo na explicitação, discussão, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento da atitude de autoconfiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro. A aprendizagem precisa então estar inserida em ações reais de intervenção, a começar pelo âmbito da própria escola.

Dá a necessidade de propor atividades previamente planejadas, cujo tema seja minuciosamente escolhido de acordo com temas transversais que implicam em aprendizagem da língua eficiente.

Para a prática de produção textual, a saber, a escrita argumentativa, os PCN (1998) avaliam como escritores competentes aqueles que sabem relacionar objetivos às circunstâncias

comunicativas e também para o desenvolvimento do escritor competente, aconselham às condições semelhantes às escritas fora da escola, colocando o foco do que escrever e para quê escrever (BRASIL, 1998, p. 68):

Compreendida como um complexo processo comunicativo e cognitivo, como atividades discursivas, a prática de produção de textos precisa realizar-se num espaço em que sejam consideradas as funções e o funcionamento da escrita, bem como as condições nas quais é produzida: para que, para quem, onde e como se escreve.

Também o documento para o ensino da argumentação e de outras tipologias, para ao desenvolvimento da competência escritora, sugere o uso de múltiplas tipologias, como processo de interação e conhecimento como ponto de partida para a produção textual. Assim, os PCN consideram (BRASIL, 1998, p. 66):

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue a receber ajuda de quem já sabe escrever.

2.3.2 A BNCC e argumentação

É preciso levar em consideração também a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), como o próprio nome prevê, surgiu para combater as diferenças de ensino entre escolas de mesma rede e das diferenças entre instituições públicas ou privadas.

A BNCC (2017) é então um documento que regulamenta o currículo nacional desde a Educação Infantil até ao Ensino Médio, desta forma, torna-se imprescindível para as atividades escolares suas leituras e o cumprimento de suas diretrizes, pois, todas as escolas deverão ofertar um padrão mínimo de instrução.

Assim, a BNCC foi homologada pelo MEC em dezembro de 2017, após passar por consulta pública em mais de 45 mil escolas desde o ano de 2015 e cumpre a função do Plano Nacional da Educação, em aperfeiçoar os esforços para oferta de Educação de qualidade e impulso do fluxo escolar. Desta forma, cada disciplina recebeu competências específicas, nas quais os conteúdos deverão ser trabalhados, ainda que minimamente, pois, é direito do aluno, ao transferir-se de escolar, encontrar o mesmo nível de oferta de ensino de onde saiu.

Em relação à argumentação, a BNCC (2017) exige a contemplação desta competência específica que reforça ainda mais o intuito desta pesquisa, no aprendizado da escrita argumentativa e ressalta que após o final do Ciclo do Fundamental o aluno deverá saber:

“**Afirmação argumentativa:** necessitam conseguir desenvolver opiniões e argumentos, com base em dados e evidências e por meio de afirmações claras, ordenadas, coerentes e compreensíveis ao ouvinte” e;

“**Confronto de pontos de vista:** debater e defender seus pontos de vista com firmeza e respeito, mesmo se forem divergentes dos de outras pessoas ou grupos. Ouvir e aprender com os outros” ou;

Também conforme descrito no mapa de habilidades da BNCC:

(EF08LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção de dados, a defesa de um ponto de vista, utilizando argumentos e contra-argumentos e articuladores de coesão que marquem relações de oposição, contraste, exemplificação, ênfase. (BNCC, 2017, p.52)

Planejar atividades que vão corroborar com o ensino do posicionamento e o desenvolvimento da argumentação, além de atender as exigências da BNCC (2017) e das orientações dos PCN, também vai ajudar na construção de um sujeito capaz de conviver em sociedade e no contexto escolar, conseguir escrever argumentos em uma produção textual. É no 9º ano que também os temas de ordem social são colocados em evidências e serão discutidos, conforme Geraldi (2012, p. 72):

Nesse ano, o problema essencial a ser desenvolvido é no interior do porquê; ou seja, a argumentação, coerente e adequada, será a base de todo o trabalho de leitura, discussão e produção de textos. Ao final do nono ano, o aluno deverá expressar, num texto, também a sua posição quanto ao problema (e essa posição poderá se contrária à do professor[...])

Por tudo isso, a análise linguista deverá ficar em segundo plano, uma vez que o papel do professor nesta mediação é fazer dos leitores também autores e expor de forma construtiva os argumentos escritos por eles, sendo assim, a prática da análise linguística deverá ser precedida da leitura para a compreensão de novas informações e pela retomada das atividades e textos produzidos na aula de produção, cumprindo assim o proposto na BNCC (2017).

2.3.3 O Currículo Paulista e argumentação

Também o Currículo Paulista, homologado em agosto de 2019 e após aprovação e em consonância às normas da BNCC (2017), contém diretriz sobre o uso da linguagem e do ensino autônomo. Na área de Linguagens, as adaptações também foram feitas e é importante, para o presente trabalho, que nesse currículo que rege o ensino do Estado de São Paulo, há preocupação com a argumentação e a consequência do pensamento crítico, conforme descrito no Currículo Paulista:

As práticas de linguagem que se dão em dado contexto entre os sujeitos sociais e historicamente situados em uma interação sempre responsiva; coloca ainda a necessidade de articular todos esses eixos na promoção de uma aprendizagem voltada à formação integral de sujeitos que dominem a leitura e a escrita, saibam usar a língua em diferentes contextos de interação, em diferentes campos de atividade humana, que saibam argumentar e defender pontos de vista de maneira ética, e que usem a reflexão linguística e semiótica a favor da produção de sentido, de um uso consciente da língua e seus recursos. (SÃO PAULO, 2019 p. 101):

Devemos, assim, considerar que todo o ensino do Estado de São Paulo também está em consonância com todas as premissas que orientam os documentos oficiais de ensino do país; isto auxilia a comunidade docente a propor uma mesma fala, a buscar a mesma meta de aprendizagem, que é o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Outro fator importante a considerar do Currículo Paulista (2019) é, em relação à tecnologia, precisamente a exposição dos estudantes às múltiplas mídias e informações, muitas vezes verídicas, entretanto, outras falsas, as chamadas *FakeNews*¹. Desta forma, a necessidade de formar cidadãos que saibam reagir e opor frente aos excessos, de acordo com o Currículo Paulista:

Dentre essas demandas, destaca-se a exposição às discordâncias, a convivência com o outro, com outra voz diversa da nossa, diante da qual é preciso saber também se colocar de forma ética, argumentar posições, defender valores e respeitar o diferente, o divergente, repudiando os discursos de ódio diante do qual os argumentos pouco valem. (SÃO PAULO 2019, p 103):

¹ *Fake News* (temática não cabível nesta pesquisa) é uma expressão que surgiu no final do século XIX, para designar as chamadas notícias falsas propositalmente divulgadas. No contexto em que vivemos, o termo está bastante em evidência pelo crescimento das redes sociais e conseqüentemente, proliferação de informações falsas na internet.

2.4 ARGUMENTAÇÃO

Consideramos nesta subseção o histórico argumentativo, alguns significados atribuídos ao termo argumentar e a distinção entre eles, principalmente, entre convencer e persuadir. Elucidaremos as estratégias argumentativas, como também os tipos de argumentos.

2.4.1 Breve histórico sobre a argumentação

Um breve histórico sobre a argumentação é necessário para ilustrar como o seu estudo já era trabalhado na antiguidade e na época dos grandes filósofos gregos que saíam em praça pública para discursar, argumentar e que surgiram num contexto jurídico no século V, antes de Cristo.

Era assim chamada de “retórica” a “arte de convencer”, onde os termos eram utilizados por filósofos e por especialistas literários da linguagem e faziam questionamentos se a argumentação tinha procedimentos para chegar à verdade ou elementos para comprovar a falsidade. O termo deixou de ser utilizado somente em 1902, na França e sendo retomado apenas na década de sessenta, onde se obteve a ideia central de renascer o estudo da influência e da persuasão, advindas da contribuição da publicidade.

Partindo desses dados históricos, o importante em relação a este estudo é confirmar se a argumentação está no resultado de demonstrações científicas ou se está na autonomia das opiniões que são provocadas (BRETON, 1999). Surge então a nova retórica, que retoma as posições aristotélicas e vão servir para a nova concepção de argumentação.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989, p. 5), “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas para seu assentimento”. Em outras palavras, o aprendizado do texto argumentativo é de suma importância na formação de sujeitos que precisam convencer e trazer para si, através da palavra.

2.4.2 O que é argumentar

Antes de concentrarmos no conceito da argumentatividade, não podemos esquecer de compreender o modelo de sociedade e respectivos valores nas quais os alunos estão inseridos. Desde a cultura de massa, o advento da tecnologia e manipulação pelas mídias sociais o desafio

hoje é saber como se comportar em relação ao outro e quais tópicos poderão ser abordados, dialogados e redigidos para saber como reagir e defender-se em determinadas situações com o uso da língua.

Conforme Abreu (2009, p. 3):

[...] todos nós teríamos muito mais êxito em nossas vidas, produziríamos muito mais e seríamos muito mais felizes, se nos preocupássemos em gerenciar nossas relações com as pessoas que nos rodeiam, desde o campo profissional até o pessoal.

No mundo contemporâneo que vivemos, em uma sociedade que visa ao constante lucro, algumas informações chegam aos interlocutores com o intuito simplesmente de “forçar” e “empurrar” determinada opinião sobre produtos, serviços, ideologias etc.

Neste sentido, a preocupação com o gerenciamento das nossas relações, que menciona Abreu (2009), provém da etimologia da palavra desconhecido por muitos na comunidade escolar: “Argumentar é a arte de convencer e persuadir. Convencer é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. Etimologicamente, significa vencer junto com o outro (com + vencer) e não contra o outro” (ABREU, 2009, p. 9)

De extrema importância esse conceito, visto que os alunos estão em processo de confirmação de caráter, a compreensão de se utilizar da seleção de palavras visando convencer o outro, deveria ser uma postura constante, para não precisarem “apelar” para brigas e outras formas de impor a própria opinião.

Nesta vertente, entre as interações que ocorrem entre os interlocutores, ainda que um não consiga convencer, ambos crescem pessoalmente e linguisticamente, pois aprendem a respeitar a voz do outro, além de novas formas de argumentar.

Outros autores trabalhados na pesquisa também concebem pelo viés de que todo enunciado parte de uma intenção comunicativa, portanto, a argumentação acontece pela preocupação em convencer. Fiorin (2018, p. 69) acrescenta que “um argumento são proposições destinadas a fazer admitir uma dada tese. Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir”. Koch também ressalta (2017, p. 34):

[...] argumentar é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação de raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor.

Verificamos que esses autores propõem noções complementares e, nesse sentido, cabe reforçar a afirmação de Abreu de que “argumentar é, em primeiro lugar, saber integrar-se ao universo do outro. E obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro.” (ABREU, 2009, p. 6).

Consideração pertinente também para o ensino da argumentação, é a ciência de que os argumentos fazem parte da nossa existência desde cedo, pois os estudantes assim o fazem, mais fácil para eles admitirem a consciência que todos têm a capacidade de argumentar.

Analisando que os argumentos são inerentes aos seres humanos, desde a infância, conforme cita Koch (2017, p.23) “aprendemos a argumentar desde cedo, ainda crianças: quando queremos que nossos pais leiam para nós; quando não queremos dormir; quando justificamos à professora a tarefa em branco”, assim precisamos compreender que não é justificável que o aluno não aprenda argumentar ou melhorar os próprios argumentos no final dos anos iniciais.

Também é natural que ao longo do histórico percurso dos homens e em algumas situações específicas, houve a necessidade de utilizar argumentos para convencer e persuadir sobre escolhas, gostos e opiniões. É tarefa do professor de Língua Portuguesa, no preparo de suas aulas, escolher textos que evidenciam essa situação.

Em relação à persuasão, algumas vezes ignorada entre os estudantes, por ser o outro lado da moeda do convencer, devemos ajudá-los a fazer a distinção entre convencer e persuadir, para que os argumentos sejam construídos com respeito e ética.

Para Abreu (2009, p. 9), “convencer é construir algo no campo das ideias”. Por isso, precisamos compreender que, quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir, como gostaríamos.

Pela perspectiva da persuasão, Citelli (2002, p. 6) deixa claro, após analisar anúncio publicitário de uma revista americana, que “a persuasão sempre está presente nas organizações discursivas, que variam em níveis diferentes” e inclusive “Isso nos revela a existência de graus de persuasão: alguns mais ou menos visíveis outros mais ou menos mascarados”. Por isso a preocupação de ensino pela argumentação, ao contrário da persuasão, ela vai trabalhar visando o convencimento utilizando o campo das palavras, através da razão, tornando a interação transparente e ética.

Importante ressaltar que as artes do convencimento e da persuasão podem ser formuladas oralmente e expressas em uma simples conversa do cotidiano até em um debate político. Também estão explicitadas ou subentendidas, em formas de texto, em quase todos os

tipos de discursos, como cita Abreu (2009 p. 10), “tudo aquilo que pensamos e fazemos é fruto dos discursos que nos constroem, enquanto seres psicossociais”.

Considerando a sociedade em que vivemos, somos moldados por uma infinidade de discursos: discurso científico, discurso jurídico, discurso político, discurso religioso, discurso do senso comum etc., é importante trazer para a sala de aula esses diferentes discursos, pois todos geram e dividem opiniões.

Portanto, podemos frisar que o estudo da argumentação não é somente para o contexto escolar, claro que é a partir da sala de aula que este despertar deverá ocorrer, mas o aprendizado dos argumentos será utilizado para toda a vida do interlocutor, para conquistas de vagas de emprego, em debates no trabalho e para reagir às estratégias de manobra e manipulações, em sociedade.

2.4.3 O léxico e as estratégias argumentativas

É muito comum no contexto em sala de aula escutarmos dos alunos questionamentos, sobre como eles poderiam iniciar uma argumentação. É de praxe colocarem em dúvida se realmente podem conseguir tal autonomia. Para esses momentos sugerimos algumas estratégias nas quais acreditamos pela experiência docente e alguns tipos de argumentos para auxiliá-los na produção de textos convincentes.

Antes de abordarmos e explicitar algumas técnicas escolhidas, contudo, colocaremos em pauta quais condições existem para que a argumentação possa ocorrer. Além de todo o planejamento prévio organizado como: Para quem vou escrever? O que eu sei sobre o assunto? Qual deve ser o objetivo do meu texto? o aluno deve estar consciente da sua opinião sobre determinado tema antes desses questionamentos que precedem a escrita textual.

No tocante a essa questão, ressalta-se que toda argumentação é resultado de uma defesa de tese e ela deve estar clara para o próprio locutor. Não há como defender e propor argumentos se não direcionarmos proposições sobre o assunto, principalmente se for polêmico, como “Criança deve ou não trabalhar?”, tema do nosso trabalho.

Assim, para alguns linguistas como Koch e Elias (2017, p 161), “um tema pode ser visto sob diferentes ângulos”. Podemos escolher o aspecto no qual mais acreditamos e escreveremos sobre ele no nosso texto; então podemos nomear esta posição em relação ao tema de tese, que defenderemos no corpo textual. Para Koch e Elias (2017, p.162), tese é também “a definição de uma perspectiva que orienta o início da argumentação”, portanto, não deixa de ser também uma

estratégia argumentativa.

Também pelo olhar de Abreu (2009, p.35), a tese “está no plano das ideias, as teses são as próprias ideias, mas é preciso saber quais perguntas que estão em sua origem”. Podemos acrescentar que a tese nada mais é que a própria justificativa da opinião escolhida pelo locutor dentro do campo das ideias e quanto mais tivermos ideias e soubermos fazer escolhas interessantes nesse campo, mais nosso discurso será convincente. Nesse aspecto, para a condição da existência da argumentação, além da definição da tese, Abreu (2009) também menciona outras, parafraseando: reconhecer o emprego linguístico e argumentar de acordo com a linguagem do público ouvinte/leitores, pois, somos os responsáveis por tudo o que enunciamos. Outra condição é estabelecer uma relação de respeito e positividade e agir de forma ética, respeitosa, para cultivar a credibilidade.

Essas premissas são importantes para sustentar a base argumentativa, criar motivações e possibilidade para que o diálogo e as respectivas adesões à tese se concretizem, porém mencionaremos o trabalho metodológico sobre o que consideramos primordial para a construção argumentativa: a seleção lexical.

Abreu cita que (2009, p. 37) “as palavras são escolhidas inconscientemente”. É preciso prestar atenção a elas”. Koch e Elias (2017, p. 32) completam afirmando que “a seleção lexical é uma das mais importantes estratégias para uma boa argumentação”, assim o domínio do léxico, no tocante desta pesquisa, é a estratégia principal para o desenvolvimento da argumentatividade.

Considerar o léxico, portanto, é pensar nas infinitas combinações de palavras que se possam realizar para construir uma abordagem que atinja o nosso interlocutor.

A palavra é, nesse contexto, o recurso linguístico mais poderoso, pois através dela que são atribuídos significados que desejamos ver construídos. Dependendo das nossas escolhas, no campo lexical, que se decidirá o sucesso em nossos intentos.

De acordo com Abreu (2009, p. 103):

As palavras são como fios com os quais vamos tecendo nossas ideias em forma de texto. Quando falamos ou escrevemos, vamos retirando da nossa memória palavras que vamos utilizar. Trata-se de uma tarefa cuja velocidade pode variar bastante. Desde milésimos de segundo até minutos inteiros. Quem não ficou alguma vez parado, no meio de uma frase, à procura da palavra?

Nesse aspecto, refletimos como construir nosso repertório linguístico, pois, é nele que estão inseridas as palavras com as quais tivemos contato ao longo da vida. Somos,

metaforicamente, um baú vazio, na medida que vamos interagindo com novas leituras, mais vamos ampliando nossas possibilidades de escolhas e mais tornamos os nossos textos argumentativos. Como menciona Abreu (2009, p 104): “As palavras que escolhemos tem influência enorme em nossa argumentação”

Koch e Elias (2017, p. 159) também reforçam:

[...] conhecimento de língua, de mundo e de textos são o material dessa construção, pois sem conhecimento não se vai muito longe, suspeitamos até de que não se vá a lufar nenhum. Pois, como escrever sobre um assunto que não se conhece. Por isso, na atividade escrita (mas não só!!!) é indispensável a leitura, visto ser essa atividade uma fonte de construção, reconstrução e constante atualização do nosso conhecimento.

Por essas definições, é recomendável a leitura de diversos textos, principalmente, sobre o mesmo tema, para que possamos ter acesso a várias possibilidades de palavras que contribuirão para a representação delas nos nossos contextos de interação argumentativa: “Quando usamos uma palavra, estamos fazendo uma escolha de como representar alguma coisa”, como também menciona (ABREU, 2009, p. 105)

Os tipos de argumentos são incorporados aos nosso estudo, pois, eles funcionam como mapas mentais, que nos orientam quais palavras, dentro do nosso repertório lexical, poderemos escolher para serem utilizadas na argumentação oral ou escrita. Assim, podemos refletir sobre os tipos de argumentos que irão funcionar muito bem, se forem do conhecimento dos alunos.

Passando do campo das palavras para o dos argumentos, Koch e Elias (2017), citam algumas estratégias argumentativas, que também estão recomendadas no roteiro didático e foram exploradas na intervenção deste trabalho.

Declaração: O locutor irá fazer no início do texto uma afirmação ou uma negação sobre o assunto, de modo que possa ser justificada na sequência, ao longo dos parágrafos seguintes;

Narração: Estratégia bem simples que garante o envolvimento do leitor, basta contextualizar um trecho narrativo que será utilizada como ilustração à tese proposta;

Intertextualidade: Excelente maneira de convencer utilizando trecho de outra obra, promovendo um diálogo textual. O leitor tem a sensação de que não é o somente o locutor quem está considerando determinada tese;

Perguntas diretas: A estratégia consiste em propor questões que, propositalmente, serão respondidas ao longo da argumentação. Como provoca muita reflexão e é o próprio locutor que lança as respostas, a sensação é que o autor sabe muito sobre o assunto, portanto, argumentativo.

Comparação: É um tipo de argumento utilizado desde a infância, que fazemos com irmãos, colegas e vizinhos, só não sabíamos que já argumentávamos. Consiste em salientar semelhanças ou ressaltar diferenças, propositalmente.

Definição: É um argumento que pode ser selecionado do próprio texto-base em uma proposta de redação, por exemplo. Nesse caso, o início do texto já contém o significado de determinado termo.

Contexto Histórico: Basta apresentar como determinado termo foi sofrendo modificações ao longo da história e comparar como era visto pela sociedade antes e depois;

Autoridade: Um dos mais utilizados, o locutor utiliza da fala de alguém que tem propriedade no assunto, através de citações, para fundamentar a argumentação.

Categorização: Desde que explicado, funciona muito bem. A estratégia é inventar um termo inédito e, conseqüentemente, explicá-lo. Serve para atrair a atenção do interlocutor rapidamente.

Causa e consequência: O autor coloca todas as causas de determinado assunto e depois vai citando as conseqüências, organizando entre parágrafos.

Assim, como cada aluno ao longo do processo ensino-aprendizagem vai desenvolvendo na sua composição textual estilo próprio, foi importante ofertar várias estratégias argumentativas para que os educandos pudessem escolher e utilizar aquela que mais se adequa ao seu modo de escrever.

Essas são algumas formas de inserir a argumentação no corpo textual que acreditamos que são fáceis de serem assimilados e que ajudam a manter a coerência linguística. Se trabalhado após o contato com diversas leituras, ampliam o campo lexical.

2.5 A ESCOLHA DOS CONTOS PARA O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO

É importante para melhor compreensão desta pesquisa, identificar o conceito do gênero conto, suas especificidades e a justificativa pela escolha do conto “Carvoeirinhos”, de Roger Mello (2009), e do conto “Acompanhando meu Pincel”, Dulari Devi (2017), pois foram aplicados na abertura das atividades de intervenção

2.5.1 O gênero conto

De acordo com Gomes (2014), o conto é uma forma literária que surgiu nas tradições orais dos povos e era transmitido oralmente de forma simples, porém viva e em momentos de lazer.

No Brasil, herança herdada pela Nigéria, era costume, após o jantar, as famílias unirem em “rodas” para receber um contador de histórias e narrar algum “causo” interessante, daí a explicação também para as circunstâncias de número de personagens, tempo, pois a tradição oral contava apenas com a memória do contador. Vale mencionar que esses contadores faziam a adequação da narrativa de acordo com as condições do meio social, portanto partiam da hipótese de que, para a leitura do conto, precisariam levar em conta as condições de produção para definir as próprias intenções comunicativas, ou seja, que a leitura provém também de uma perspectiva interacionista. Conforme Brandão et al (2002, p 86):

Um conto é narrado, diferentemente, se dirigido a um auditório composto por ouvintes estranhos, por colegas de trabalho, por familiares, dependendo, também, do conjunto de fatores os analistas do discurso chamam de condições de produção, condições que determinam o tipo de enunciação que é produzido.

Na tradição oral, o conto não tinha um único autor, visto que cada novo contador trazia elementos peculiares para a narrativa e as incrementavam com outros tipos de linguagens como: a entonação, gestos e mímicas, e, quando demonstrava tais elementos, conseguia despertar a atenção e estimular uma participação ativa por parte do auditório.

Os contos lidos para os alunos, portanto, seguindo as tradições da oralidade, estrategicamente ofertados por uma leitura compartilhada, devem ser capaz de integrar a participação dos interlocutores e construir junto deles o sentido enunciado e neste aspecto, (CASCUDO,1984 apud BRANDÃO, 2002) considera três itens para caracterizar a narrativa popular: o ambiente de recepção, o recurso linguístico como “era uma vez” e, no contexto de sala de aula, o mais importante, a narrativa deve ser contada de forma viva e apaixonada.

Assim percebemos “no domínio da oralidade, as modulações melódicas e as expressões fisionômicas e gestuais do narrador cumprem a mesma função que recursos **retóricos** como a descrição, o suspense, a reiteração e a hipérbole cumprem no domínio do conto literário” (PAES, 1997 apud BRANDÃO, 2002, grifo nosso)

Podemos descrever as características do conto como uma tipologia narrativa breve, que se passa muitas vezes em um único lugar, ausência de numerosos personagens, o tempo delimitado e focado no momento, prioriza essencialmente o drama, item fundamental, que faz despertar a curiosidade dos leitores e a história acontecer, como descreve Soares (1993, p. 54):

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.

O impacto do conto está na representatividade do episódio único, centrado num conflito central a ser desenrolado, que rapidamente migra para o clímax e sem aprofundar no psicológico dos seus personagens, faz com que a história encontre leitores que possam refletir sobre a realidade, inclusive contemporânea, onde o predomínio da tecnologia e das redes sociais estimula que se abra espaço para leituras mais curtas, conforme Bossi (2006, p. 39):

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às voltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

Nestas interações, o aluno poderá identificar como os elementos do enredo narrado, proporcionam memórias discursivas que poderão ser reutilizadas para o seu próprio discurso, como afirma Brandão et al (2002, p. 94)

[...] os contos revelam elementos do realismo, mostrando como se vivia na aldeia e nas estradas, ajudando a orientar os camponeses, num sistema de vida senhorial, que lhes negava independência econômica e que lhes habitavam um mundo de madrastas e órfãos, mundo de labuta inexorável e interminável, de emoções brutas, falta de comida e problemas de sobrevivência.

O encontro do aluno com os contos, além de servir como modelos de identificação, como se os personagens fossem estendidos ao universo imaginário dos leitores, esta interação provoca a elaboração de outros discursos, que poderão retomar a voz dos personagens para a construção e defesa do seu próprio discurso, a qualquer momento. Afinal:

Todo discurso mantém relação essencial com os elementos previamente construídos de discursos anteriores, que constituem a memória discursiva, que armazena formulações que se repetem, recusam e se transformam em outras (BRANDÃO et al. 2002, p 94)

Assim, recorrer a voz do outro para projetar a argumentação também é uma excelente tática para construir o próprio discurso. Recomendamos para a ampliação do léxico (essencial

para a escrita argumentativa), cada vez mais o encontro de outras leituras também narrativas, pois quanto mais o sujeito ler mais ampliará o seu próprio repertório linguístico e sua leitura de mundo (bagagem cultural). “Quem recorre à palavra do outro, o faz ou para apoiar-se nessa palavra, ou para confirmá-la do outro ou para refutá-la, ou seja, o recurso à palavra do outro responde sempre a alguma estratégia argumentativa” também afirma (ANTUNES 2010, p.37).

Também é na presença das estruturas linguísticas da narração que servirão de mecanismo para argumentação, por exemplo, pela caracterização dos personagens com o uso dos adjetivos, já demonstra para o leitor, qual a imagem que deverá ser fixada, o que não é isso se não a arte de convencer?

Portanto, “o conto popular busca, como já dissemos, sua fonte no imaginário e na memória coletiva, de forma que todo ouvinte ou leitor possa se reconhecer, se identificar, dando sentido ao que ouve e lê” (BRANDÃO et al., 2002, p. 95).

Assim, precisamos considerar os benefícios da leitura e trabalho com contos em circuito de aulas e sequências didáticas, visto que se trata de excelente maneira de chegar ao leitor, no tocante ao incentivo da leitura, propicia à abertura de discussões, estimula o levantamento prévio dos leitores, provoca reflexões e identificações com personagens, de uma maneira rápida, direta e significativa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E *CORPUS*

Nesta seção apresenta-se a metodologia utilizada no decorrer da pesquisa, que consiste em uma análise das marcas da argumentatividade nos textos dos alunos de um nono ano de uma escola pública de Pedregulho, no Estado de São Paulo. Também serão contextualizados a escola e o público-alvo, através da análise de um questionário aplicado aos alunos participantes da pesquisa.

3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa aqui apresentada sob a linha dos Estudos da Linguagem e das práticas sociais foi planejada de acordo com a metodologia da pesquisa-ação, que nada mais é que uma forma inovadora de caráter participativo e contribuição para a mudança social dos alunos participantes, através da Educação.

Também a pesquisa-ação vem de encontro ao proposto por Bortoni-Ricardo (2008), que estimula o professor-educador a propor olhares reflexivos para a própria didática em sala de aula e que visa ao aprofundamento das atividades docentes ao mesmo tempo em que agem integralmente no desenvolvimento dos alunos. Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 46):

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar a sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências.

A pesquisa-ação favorece os métodos em que promovem ao mesmo tempo o crescimento individual dos alunos e auxilia no aprimoramento das práticas pedagógicas do educador, cujo objetivo é cada vez mais, desenvolver estratégias que podem ser amplamente compartilhadas.

Para o início das atividades, a pesquisa contou com várias etapas, a primeira refere-se ao perfil dos alunos da turma do 9º ano. Na segunda, fizemos o diagnóstico de forma qualitativa, para verificar se a turma conseguia produzir argumentos. Após análise da segunda etapa, fizemos estudos bibliográficos sobre o nosso tema utilizando os seguintes autores Fiorin (2018),

Abreu (2009), Bakhtin (1997), Breton (1999), Citelli (1996), Geraldi (2012), Kock (2006), Koch e Elias (2006, 2017), Antunes (2010), Marchuschi (2008) e Brandão (2002).

Na sequência, elaboramos atividades de intervenção (conforme apêndice A), juntamente com as leituras dos contos “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu pincel” e aplicamos em contexto de ensino remoto, em decorrência da pandemia mundial da COVID-19, que exigiu de toda a sociedade isolamento frequente. Encerramos avaliando os resultados das atividades e da escrita de texto argumentativo construídos pelos alunos, para construirmos nossas considerações finais sobre o resultado da pesquisa.

Portanto, a etapa de aplicação das atividades foi realizada de forma retoma, pelo contexto da COVID-19, e utilizamos *storytelling* e leitura colaborativa de dois contos reconhecidos mundialmente que narram a história acerca da temática do trabalho infantil.

As estratégias de leitura, que foram utilizadas, abriram a discussão do assunto que foi aprofundado para o trabalho da escrita. Nesta etapa também foram realizados o levantamento do conhecimento prévio dos alunos, a assimilação ao tema, e o estímulo para ampliação do repertório linguístico e cultural.

Dentre as atividades do ensino remoto, os estudantes tiveram a oportunidade de ouvir e aprender os conceitos em aulas expositivas e fizeram atividades lúdicas e interativas (por exemplo, cruzadas e fórum de internet para apropriarem das estratégias argumentativas.

Assim as aulas contaram com a didática do diálogo sobre as concepções estudadas em rodas de conversas e interação com a professora e a turma, jogos com palavras para reforçar e exemplificar os conteúdos abordados para a escrita final de um texto argumentativo.

Foi oportunizado a leitura de diferentes gêneros textuais sobre o trabalho infantil para serem focados nas atividades, a saber: crônica, notícia, reportagem, artigo de opinião, anúncio publicitário, fórum de internet. Assim se justifica esta seleção de gêneros variados: a leitura como um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto, concepção embasada nos teóricos desta investigação; os múltiplos gêneros textuais a serem trabalhados em sala de aula, levando-se em conta as e as orientações dos documentos oficiais de ensino, notadamente, em relação à argumentação.

Inspirados em todas as etapas e após a leitura de textos que abordaram o tema trabalhado em diferentes aspectos e perspectivas, com a ampliação de vocabulário e os estímulos para opinar e posicionar sobre o trabalho infantil, os alunos puderam produzir suas próprias versões textuais.

Dessa forma, além das estratégias e os tipos de argumentos que os estudantes reconheceram como importantes e conseguiram aplicá-los nos textos; a capacidade de organizar e direcionar o repertório linguístico foram os critérios que utilizamos para avaliar o crescimento no desenvolvimento argumentativo.

3.1.1 Por que trabalhar com “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu Pincel”?

Precisamos nos atentar ao fato que os contos “Carvoeirinhos”, Roger Mello (2009) e “Acompanhando meu pincel” Dulare Devi (2017) foram estrategicamente escolhidos, por além de focar no tema do trabalho Infantil, que está entre as recomendações dos documentos oficiais de ensino do Brasil, e nas orientações de linguistas, como Geraldi et al. (2012, p 72):

Temática: economia, política e sociedade [...] nesse ano, o problema essencial a ser desenvolvido é no interior do porquê; ou seja, a argumentação, coerente e adequada, será a base de todo o trabalho de leitura, discussão e produção de textos. Ao final do ano, o aluno deverá expressar, num texto, também a sua posição quanto ao problema (e essa posição poderá ser contrária à do professor.

Além disso, as escolhas por estes dois títulos refletem, de certa forma, a realidade de alguns alunos na cidade de Pedregulho, do Estado de São Paulo e do país, sem falar que os protagonistas dos dois contos tiveram, apesar da situação de trabalho infantil equivalente, destinos muito diferentes. Também concerne, entre estes fatores, a presença da argumentatividade, através do diálogo das personagens, dos recursos linguísticos e outros.

“Carvoeirinhos”, de Roger Mello, publicado em 2009, Companhia das Letras e ganhador do prêmio *Hans Christian Andersen*, é considerado o Nobel da literatura infantil e juvenil. O autor, cujo estilo é trabalhar com temáticas sociais, nesta obra, denuncia as mazelas do trabalho infantil, tema desta pesquisa.

A inspiração da obra surgiu pelas reminiscências do autor, que quando criança, viajava com os pais e lembrava que via nas estradas “casas” e crianças “brincando” com barro e construindo caminhões de madeira.

Vale considerar que “Carvoeirinhos” é predominante narrativo e é contado por um diferente narrador: um marimbondo, que luta pela sua sobrevivência e de seu “menino marimbondo”; paralelo a isso, ele acompanha a vida do menino carvoeiro, em situação árdua de trabalho infantil e todos os seus percalços, quando foge do fiscal, por exemplo e faz analogias

da sua existência com a do menino, entretanto, no final, estas vidas se cruzam, o menino resolve brincar com a casa do marimbondo narrador e alguém não termina bem? Quem será?

Em relação da presença da argumentatividade, a obra apresenta comumente a linguagem não verbal ilustrada pelo próprio autor, as imagens são retratadas das páginas verbalizadas e foram pintadas em tons escuros, com cinza e preto, fazendo referência ao carvão (carvoaria) e à escuridão que trabalho infantil proporciona à infância. Algumas cores fortes (laranja e rosa) foram estrategicamente destacadas para chamar atenção de determinados momentos do texto, como a casa do marimbondo que protege a “casa” do fogo e a “casa” do menino (referência a fornos que constrói) abraça o fogo.

Na capa da obra está disposto na frente, o título “Carvoeirinhos”, que está no plural e é o diminutivo de carvoeiro, aquele que trabalha em Carvoarias, local onde se produz carvão vegetal. A disposição de colocar no plural e no diminutivo remete aos protagonistas serem duas crianças (conforme a imagem de fundo) e também por representar várias outras nesta situação também, o que demonstra uma crítica ao trabalho infantil.

A linguagem verbal é direta e reflete os pensamentos do marimbondo e as expressões dele apresentam onomatopeias como “zum zum” *tssssss*”; assonâncias em “brasa *chama fagulha, chama faísca, flama, língua, labaredas,*” “*incêndio, fogaréu*”; aliteraões “*um tamanduá pegando fogo foge de si*”, “*conversa dessas, carvoaria, cozinheira, cigarro*” e muitas personificações e metáforas, por exemplo em: “*as asas não sabem dos pés quando os pés pisam na água*” (no início do texto), “*Uma brisa empinou a brasa*” e “*Depois da febre o menino voa pela primeira vez*” (final do conto).

Todos *esses* recursos linguísticos serviram para despertar *frames*² que aproximaram o conto com as experiências das realidades dos alunos pesquisados, assim, o caráter argumentativo desses elementos, principalmente a metáfora, que também é um exercício de raciocínio argumentativo, faz com que se desperte a sensibilidade dos leitores, provocando analogias e reflexões sobre os meninos carvoeiros.

A narração realizada pelo marimbondo, ecoa a voz que vem do pensamento e vários pontos de interrogação e exclamação são utilizados por ele, neste recurso, o autor dá sensação que o marimbondo está conversando diretamente com o leitor. Também algumas orações conotam uma crítica sobre o trabalho infantil como nos trechos, por exemplo: “*Na mesma bola vejo o menino indo embora com pressa não sei de quê, correndo com o carrinho de mão como*

² Em uma perspectiva cognitivista, parafraseando Duque (2015), *frames* (imagens) são “quadros analógicos”, que em estratégias de ensino, quando atividades, promovem a construção de sentido e identificação com as visões de mundo.

se o carrinho de mão vruuuuum fosse uma Ferra”; “*A casa do menino não é uma só. Uma fileira de outras caminham pro infinito*”; “*Albinho solta fumaça pelo nariz*” e “*Vai entender uma conversa dessas, carvoaria, cozinheira, cigarro*”.

Todas essas passagens fazem referências às denúncias de que há violação no direito de brincar, há exploração do trabalho infantil, o “amadurecimento forçado” representado pelo uso do cigarro precocemente e as conversas que não são, ou não deveriam ser, das crianças.

O segundo conto escolhido “Acompanhando meu Pincel”, de Dulari Devi, é uma autobiografia da autora que narra como chegou ao consagrado posto de artista do estilo Mithali, arte colorida e milenar da Índia, uma vez que viveu na infância sendo obrigada a trabalhar em serviços domésticos. Também é uma obra com a linguagem mista e alterna as páginas entre história e obras produzidas pela autora. Vale ressaltar, por não saber ler, Dulari Devi ditou a sua história para *Gita Wolf*, que a transcreveu e publicou.

Narrado em primeira pessoa, a autora conta que desde pequena já ajudava aos pais e viu algumas vezes sua mãe chorar por falta de comida, por conta destas ocasiões, começou a trabalhar fora. Um dia arrumou um trabalho de faxineira e a patroa era uma artista. Neste primeiro encontro com a arte, muitos outros puderam ocorrer pela generosidade da patroa que consentiu que Dulari também fizesse aula de pintura em tela. E a partir dali tornou grande pintora consagrada na Índia.

Em contraste com “Carvoeirinhos”, “Acompanhando meu pincel” é extremamente colorido estampando as pinturas Mithali da artista, fazendo alusão de que, apesar de todo sofrimento na vida, principalmente na infância, de certa forma foi um pouco aliviado.

A linguagem é direta, não há palavras rebuscadas e tão refinadas como sua própria arte, mas o texto esbanja comoção em passagens como: “*Eu percebia que, quando não havia comida suficiente para todos, minha mãe chegava chorar de tristeza*”, tal afirmação traz a argumentação que muitas vezes as pessoas não têm escolhas, como no caso dela, que precisou trabalhar na infância; outra passagem que conota como o trabalho infantil prejudica a vida escolar de uma criança “*O tempo passava e eu crescia, sempre fazendo esses mesmos serviços. Nunca fui à escola, por isso nunca aprendi outra profissão*”. Também em “*A primeira coisa que tive de aprender foi a segurar o pincel e desenhar um traço. Como nunca tinha rendido a ler e a escrever, aquilo era completamente novo para mim*”. Novamente ela argumenta a falta que a escola fez na vida dela por conta de ter que trabalhar desde nova. Em “Mas quem procura acha” neste trecho, ela utiliza de um ditado popular, a voz do discurso coletivo para justificar que não era a falta de material que iria prejudicá-la a pintar, percebemos aí a transformação de

senso comum em argumentatividade.

Por fim, não podemos deixar de comparar as atitudes da personagem autora pela perspectiva interacionista, como não frequentou à escola e nem vivenciou outros lugares, para buscar inspiração, refletia sobre seus próprios conhecimentos prévios, ou seja, suas experiências de mundo. Assim cita suas obras de pinturas da aldeia, feira com peixes e etc., como descreve no trecho “*Ficava o tempo todo vagueando, acompanhando meu pincel, transformando minhas lembranças em pinturas*”.

Após enviar *storytelling*³ para os alunos, sobre os respectivos contos descritos acima, em razão do contexto da pandemia da COVID-19 os vídeos e as obras em *pdf* foram disponibilizadas no grupo de *WhatsApp*. Em uma semana foram enviados os vídeos e, nas seguintes, interações pela *plataforma meet* retomamos as leituras e pudemos contribuir coletivamente com apontamentos e pistas para facilitar a compreensão das obras.

Essa estratégia utilizada é chamada de “Leitura Colaborativa”, que é uma leitura importante para a compreensão do conto, porque durante a apresentação da narrativa, o professor lê o texto com os alunos e nesta interação, provoca os leitores com as pistas linguísticas. Assim de acordo com as orientações dos PCN (1998, p.61) a leitura colaborativa tem as seguintes características:

Trata-se, portanto, de uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores. A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos.

Nesse tipo de estratégia, o professor poderá ir pontuando página por página, solicitando grifos para marcar palavras novas e respectivos enunciados, também utilizar de perguntas que façam os alunos refletirem sobre determinados diálogos, poderão também escrever sentimentos e atitudes que foram despertadas durante a leitura de determinado parágrafo, ou seja, a leitura colaborativa aproxima o universo do aluno com os imagináveis universos dos personagens dos textos.

Por isso a necessidade de incluir na pesquisa a leitura colaborativa, individuais e coletivas juntamente relacionadas à oralidade e a prática da escrita, pois quando essas se

³ *Storytelling*, *story* “história”, *telling* (contar) é uma produção audiovisual que visa transmitir determinada mensagem de forma a atrair os interlocutores.

relacionam e se contextualizam, em um constante progresso temático, tendem a ser mais significativas por promoverem sentidos reais de produção e interpretação do contexto.

Além disso, a leitura colaborativa levantará esses conhecimentos prévios na memória dos alunos, despertará atenção para o tema e possibilitará aos alunos a descoberta de novo vocabulário e perspectivas.

Vale mencionar que as motivações pela escolha dos contos com o respectivo tema “polêmico”, justificam-se que pela intenção sobre a função sociocomunicativa, como demonstra Marcuschi (2008, p. 23):

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Outros textos, como por exemplo, notícia publicada em 08 de julho de 2019 no site <http://rd1.com.br/noticias>, que aborda a opinião da jornalista Leda Nagle, sobre o trabalho infantil, também poderão ser lidos em sala de aula, para que os alunos reconheçam os diferentes pontos de vista que estão presentes na sociedade e que sirvam de orientação para as próprias construções do pensamento autônomo.

3.1.2 Contexto e participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com os alunos do 9º ano de uma escola pública no interior do Estado de São Paulo. De acordo com a Associação Brasileira de Agronegócio da Região de Pedregulho (ABAG-RP) localiza-se numa região privilegiada do interior do Estado de São Paulo, pelo clima agradável e ameno.

A cidade fica no prolongamento do Planalto Meridional Brasileiro, o chamado Planalto Ocidental Paulista, com altitude média entre 900 e 1000 metros, caracterizando-se por rochas sedimentares (arenito), rochas eruptivas (basalto) e até rochas metamórficas (quartzo), daí o nome Pedregulho.

No topo do planalto ficam os espigões. Nas depressões, as furnas, que formam vales espetaculares que abrigam uma reserva: o Parque Estadual das Furnas do Bom Jesus, onde a Mata Atlântica e o Cerrado formam uma notável unidade de conservação ambiental entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo. Na reserva ainda são encontradas espécies primitivas da

fauna do cerrado, como o tatu (*Dasypus spp.*), o tamanduá mirim (*Tamandua tetradatyla*), a suçuarana (*Puma concolor*), e a jaguatirica (*Leopardus pardalis*), estas duas últimas ameaçadas de extinção, além de dezenas de pássaros.

A flora também é muito rica, com exemplares de jacarandá, jequitibá, cedro, aroeira, peroba, entre outras. A reserva tem pontos de difícil acesso, como a Cascata Grande, uma das 7 existentes na reserva, que só pôde ser medida por agrimensores da Força Aérea e possui 122,5 metros de queda livre, uma das maiores do Estado.

Para a economia da cidade este relevo propiciou a dobradinha “café com leite”. Os cafezais ocupam os espigões e o gado leiteiro e o de corte são criados nas furnas. A cidade de quase 15 mil habitantes tem 1/3 de sua população vivendo no campo São 1.056 propriedades rurais, em sua maioria pequenas e médias. O café é, com certeza, o maior negócio da cidade, que vem buscando incessantemente o mercado exterior. Os maiores produtores da cidade estão investindo no “café perfeito”, por isso, como fazenda *O`Coffee*, que já ganhou prêmios internacionais. Por esse motivo, um terço da população total reside em fazendas nos arredores do município e, conseqüentemente, os alunos acordam bem cedo para irem até a cidade estudar e retornam após as aulas para casa, a fim de ajudar a família com o plantio.

Pedregulho, por ser uma cidade do interior, tem poucos recursos e incentivos culturais; não possui biblioteca municipal, teatro, centros culturais, como também possui somente uma estação de rádio local, sendo essa o único meio de comunicação de massa, dificultando assim, o estímulo à leitura e à escrita.

Figura 1- Localização de Pedregulho – São Paulo



Fonte: IBGE, acesso em 08/12/2020

A escola participante da pesquisa, de acordo com o CENSO/2019, realizado pela Secretaria Estadual da Educação de São Paulo/ SP, localiza-se no Centro de Pedregulho e contabilizou que a escola-campo possui como infraestrutura: alimentação para alunos, água filtrada, água da rede pública, energia e esgoto da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à internet.

Em relação às suas instalações conta com 9 salas de aulas, Salas de diretoria e professores, laboratório de informática, Sala de Recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), Quadra esportiva coberta, Cozinha, Sala de leitura, Banheiros, Secretaria, Despensa, Almoxarifado, Pátio Descoberto, Pátio Coberto e área verde.

Possui 12 turmas, sendo 8 no período da manhã e 4 no período da tarde, ambos no Ensino Fundamental e média de 35 alunos por turma. Além dos professores e funcionários, a escola possui materiais que poderão auxiliar na rotina da aplicação das atividades, como Datashow, dicionários, computadores etc.

Os alunos participantes da pesquisa-ação possuem faixa etária entre 13 e 14 anos e a maioria provém de famílias que também trabalham no campo ou são empregados, ainda que residam na cidade; sendo assim, podem ser classificados como integrantes, economicamente, da classe média-baixa a classe média.

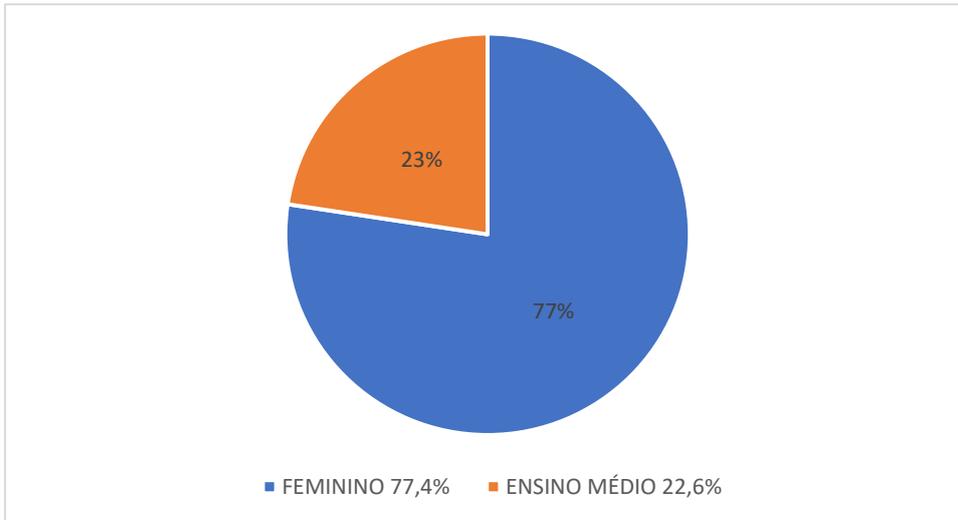
3.1.3 Análise dos dados para traçar o perfil da turma do 9º ano de uma escola pública de São Paulo

Para traçar um perfil do público participante e para verificar se os alunos realmente compreendem o significado básico da argumentação, foi realizada uma pesquisa quantitativa, na qual os alunos responderam um questionário *online*, pelo formulário *Google Forms*.

Foi aplicada a trinta e um alunos do 9º ano do ensino fundamental II, em uma escola estadual do município Pedregulho - SP. A aplicação previamente planejada e agendada foi realizada por meio do site <https://docs.google.com/forms>, utilizando-se da tecnologia para facilitar o anonimato dos participantes, economia de papéis e por ser rápida e acessível.

Foram propostas sete perguntas de múltipla escolha, sendo três básicas e as outras específicas em relação à escrita e argumentação. Vale salientar que foi solicitado que os estudantes respondessem com maior grau de sinceridade possível e fizessem de preferência, sozinhos, se não precisassem de ajuda.

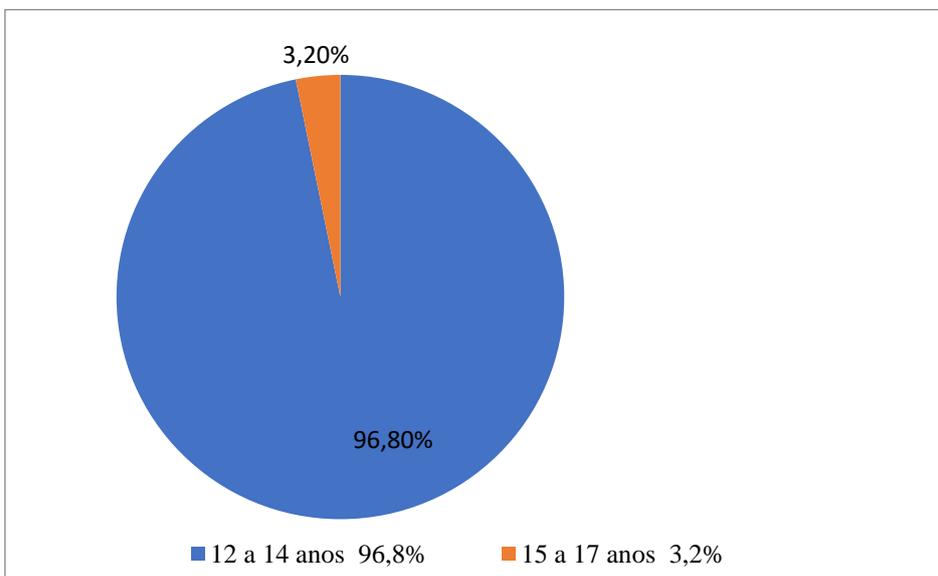
Gráfico 1- Sexo dos participantes



Fonte: Autoria própria (2020)

Segundo o gráfico 1, a amostra é composta por sua maioria do público feminino apontando 77,4% e 22% para o público masculino.

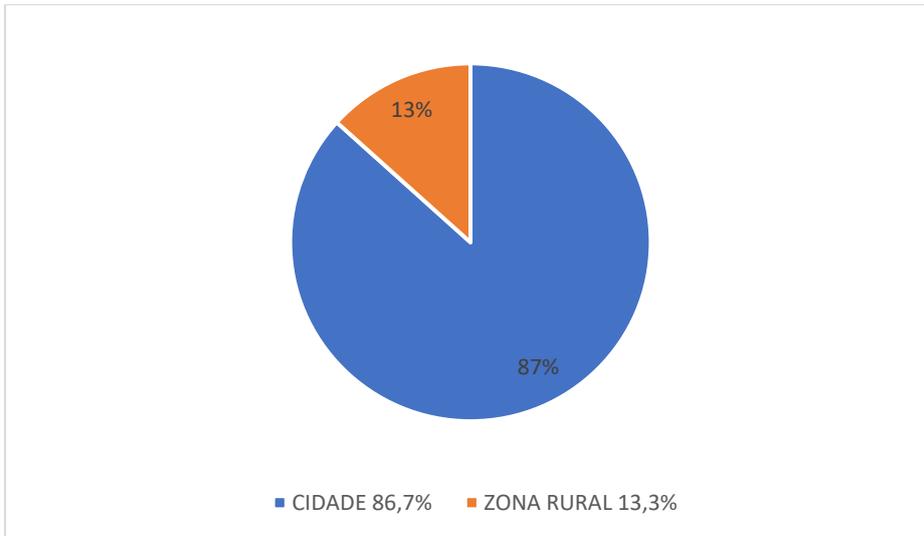
Gráfico 2 - Faixa etária dos participantes



Fonte: Autoria própria (2020)

Em relação à idade, conforme gráfico 2, a maior parte encontra-se na faixa etária entre 12 a 14 anos. Devemos ressaltar que temos um aluno que está refazendo o nono ano, por isso possui idade diferenciada aos demais que são de doze a quatorze anos.

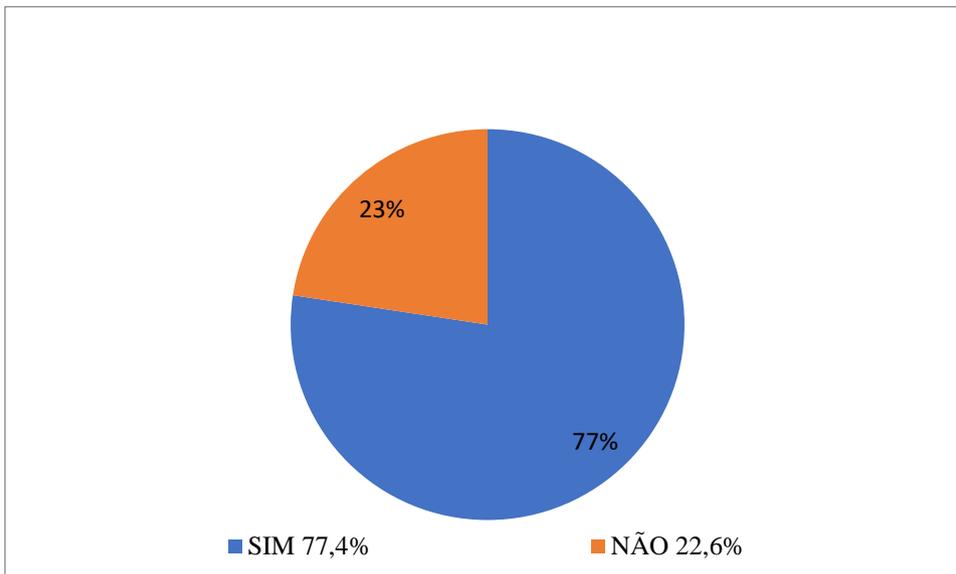
Gráfico 3 - Localização de moradia dos participantes



Fonte: Autoria própria (2020)

Conforme descrito no gráfico 3, a maioria (86%) dos participantes desta turma reside na cidade, embora saibamos que os pais são trabalhadores da zona rural e 13,3% moram na zona rural.

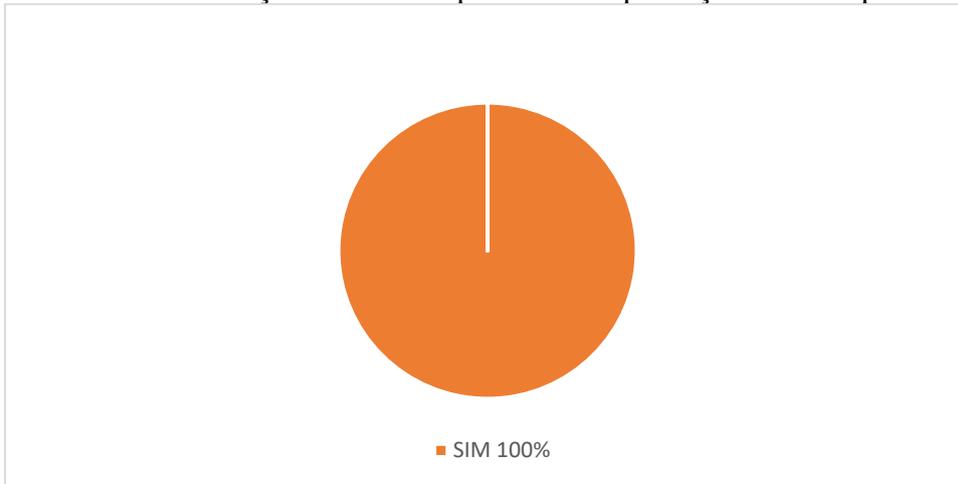
Gráfico 4 - Informações sobre interesse em escrever dos participantes



Fonte: Autoria própria (2020)

Percebe-se sinceridade dos participantes já que 22,6% responderam que não gostam de escrever. A maioria aprecia a escrita, o que nos traz bastante otimismo para o desenvolvimento da pesquisa, pois, é mais fácil incentivar a escrita para quem gosta de fazê-la.

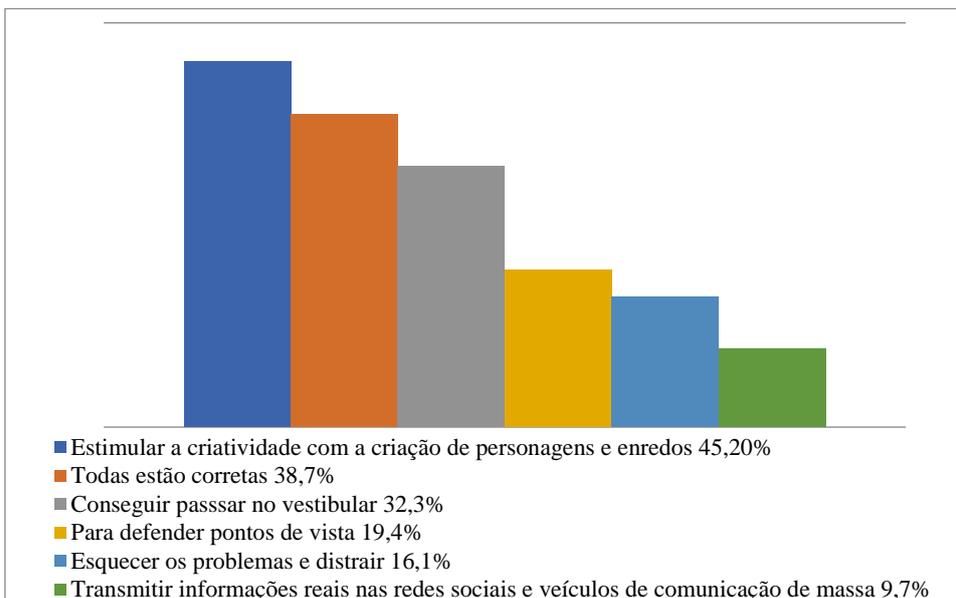
Gráfico 5 - Informações sobre a importância da produção de texto para os participantes



Fonte: Autoria própria (2020)

Embora alguns alunos declarassem não gostar de escrever, todos acreditam ser importante saber produzir um texto, conforme gráfico 5.

Gráfico 6 - Motivações dos participantes sobre ato de escrever um texto

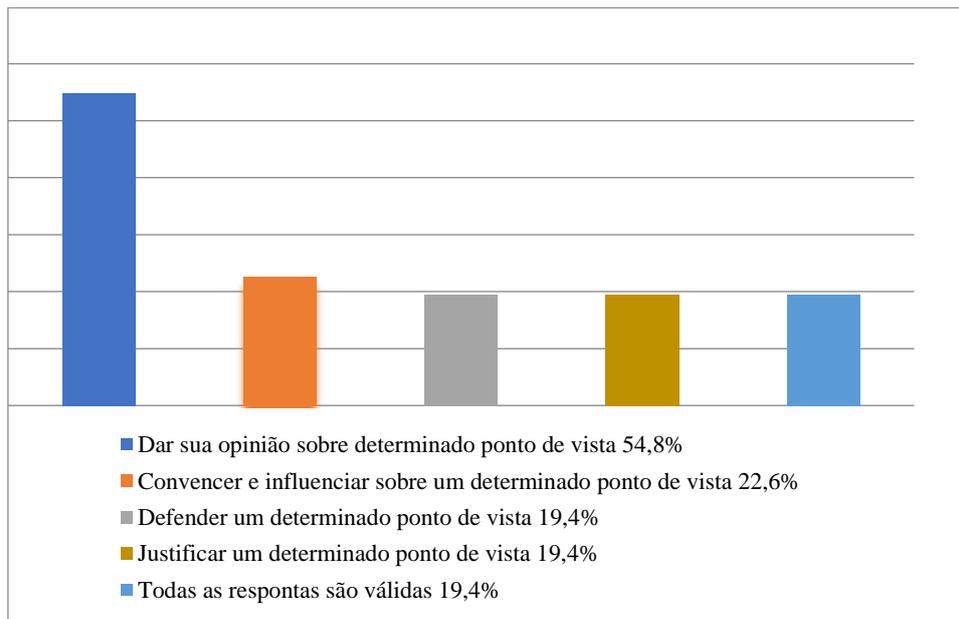


Fonte: Autoria própria (2020)

Se na pergunta anterior (gráfico 5) eles foram questionados se era importante saber escrever um texto, nesta pergunta investigamos o porquê da importância de saber escrever um texto. Conforme gráfico 6, em primeiro lugar representando 45,2% para “estimular a criatividade com a criação de personagens e enredos”. Em segundo lugar, com 38,7% “todas estão corretas” (essa era a resposta esperada, pois todas as alternativas são válidas em relação ao conhecimento da escrita). E de certa forma, foi contemplada pelos estudantes. Em terceiro

lugar, 32,3% demonstraram que saber escrever é importante para passar no vestibular. Em quarto lugar, objeto do trabalho, 19,4% apontaram que devem saber escrever para defender pontos de vista. Nos últimos lugares, 9,7% para saberem transmitir informações reais nas redes sociais e outros veículos de comunicação de massa 6,19% para esquecer problemas, distrair. Vale ressaltar, que nesta questão, o aluno poderia escolher mais de uma opção.

Gráfico 7 – Conhecimento dos participantes em relação à argumentação.



Fonte: Autoria própria (2020)

O gráfico 7 retrata se os alunos compreendem o significado da argumentação, também importante para o desenvolvimento deste trabalho e é de suma relevância considerar as respostas aqui apontadas, pois elas indicarão se os alunos conseguem compreender a função argumentatividade. Assim, a alternativa mais apontada representa (54,8%): “dar sua opinião sobre um determinado ponto de vista”, ou seja, os alunos não compreendem que argumentar é muito mais que dar opinião, defender ou justificar determinado ponto de vista.

Desta forma, é necessário despertar o interesse pela escrita e principalmente no tocante do texto argumentativo, uma vez que, conforme já exposto, os alunos a utilizarão para ingresso aos vestibulares, para concorrer a concursos e entrevistas e para despertar a consciência crítica e construtiva em sociedade, por exemplo, na construção de deveres e defesa de direito. Cumpre lembrar, ainda, a argumentação não se restringe ao texto escrito, mais também em contextos de comunicação oral, em família, amigos, numa conversa informal, ou seja, no cotidiano do aluno, em que possam surgir oportunidades de convencer o outro.

4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: ROTEIRO DIDÁTICO

4.1 Etapa 1: Diagnose

Após aplicação de pesquisa quantitativa para traçar o perfil dos alunos do 9º ano de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo, foi realizado o momento de investigação por uma pesquisa qualitativa sobre o tema em estudo, nesta pesquisa.

Escolhemos duas atividades que constituem uma amostragem inicial que permite avaliar se os alunos conseguiriam articular sobre determinado assunto e para servir de base e apoio para as próximas atividades que visaram à conquista de pensamentos autônomos e críticos.

Assim, após assinatura do Termo de Assentimento, por parte de pais ou responsáveis de alguns alunos que interessaram participar da pesquisa, trabalhamos com a leitura compartilhada de um texto informativo e fizemos apontamentos coletivos sobre o assunto.

Depois cada aluno leu individualmente o resultado de uma pequena entrevista sobre o assunto e responderam às questões de número 1 e 2, quais sejam: (i) Você concorda com a opinião de quase a metade da população brasileira sobre o casamento de homossexuais? Qual sua opinião referente a este assunto; (ii) Escreva argumentos que justifiquem o seu posicionamento respondido na pergunta número 1.

Foi constatado, por um lado, que alguns alunos possuem mais facilidade de leitura e exposição de ideias, até tentaram “convencer” através das “opiniões” e “argumentos”, entretanto diagnosticamos, por outro lado, alunos que precisam de intervenções mais direcionadas para o seu aprendizado.

1ª Atividade da Avaliação Diagnóstica.

Os alunos receberam um texto impresso extraídos do site de pesquisa *online*, que versa sobre as uniões homoafetivas, (WIKIPÉDIA, 2020), e o objetivo era coletar informações sobre o tema, exposto a seguir:

Figura 2 - Casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil (Enciclopédia)



Fonte: WIKIPÉDIA, 2020

Após a leitura do texto informativo, que trazia informações sobre a data do reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil e sobre os princípios constitucionais que foram utilizados para basear a legalidade da união homo afetiva, a professora promoveu uma discussão em grupo sobre o assunto.

Primeiro perguntou se os alunos desconheciam algum termo e quase todos os integrantes dos grupos tiveram dúvidas sobre as seguintes palavras que foram elucidadas pela professora: analogia, inconstitucional, homoafetiva etc.

Após contextualizar as palavras e corroborar com o entendimento do texto, lançou a seguinte questão: Vocês acham que o povo brasileiro aprovou e aprova essa determinação promulgada em 05 de maio de 2011, inclusive, reconhecendo todos os direitos à união entre homossexuais iguais à celebração do casamento?

Foi solicitado que eles pensassem sobre o assunto e que a professora iria trazer outro texto para ajudar na construção dos pensamentos. Antes da leitura, algumas perguntas foram expostas com intuito da reflexão: Será que no Brasil, todo mundo aceita o casamento entre homoafetivos, recém aprovado? Por que será que as pessoas não concordam com estas uniões? Vale ressaltar que os alunos nomeados como B e C nem sabiam que os homossexuais podem unir legalmente e que foi unânime o despertar da curiosidade para saber se o pensamento em geral do povo brasileiro correspondia ao pensamento deles.

Seguem abaixo, resultado segunda avaliação diagnóstica: a escrita da opinião.

2ª Atividade Diagnóstica: Produção escrita

Professora Talita Machiavelli

Data: 05/03/2020

9 anoº B.

Atividade Diagnóstica Língua Portuguesa

Leia o resultado da pesquisa abaixo e responda:

Apenas um terço dos brasileiros é favorável ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

Figura 3 – Reportagem do site “Revista Exame”



Fonte: Revista Exame. Abril (online)

Um terço dos brasileiros entrevistados disseram ser favoráveis à união civil entre pessoas do mesmo sexo, mas quase metade da população ainda não concorda com o casamento de homossexuais. Para 21% dos brasileiros, o tema é indiferente. De acordo com o levantamento feito em junho deste ano pela Hello Research, as classes sociais D e E são ligeiramente menos favoráveis à bandeira LGBT. As regiões do país em que a união civil entre homossexuais é menos aceita são Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Nas três regiões, 62% da população das três regiões não concorda com a união de pessoas do mesmo sexo.

<https://exame.abril.com.br/brasil/o-que-os-brasileiros-pensam-sobre-sete-temas-polemicos/>.

- 1) Você concorda com a opinião de quase a metade da população brasileira sobre o casamento de homossexuais? Qual sua opinião referente a este assunto?
- 2) Escreva argumentos que justifiquem o seu posicionamento respondido na pergunta número 1.

Após a leitura individual do impresso contendo o resultado da entrevista publicada no site da revista Exame, os alunos responderam se concordavam ou não com os números apresentados, a saber: um terço dos brasileiros entrevistados disse ser favoráveis ao casamento homoafetivo, ou seja, o aluno deveria deduzir que quase metade dos entrevistados possuem preconceitos relacionados ao gênero. Importante mencionar que a atividade foi puramente diagnóstica, pois não houve aula sobre argumentação, até aquele momento de pesquisa, em 2019.

Desta forma, deveriam além de concordar ou não com o resultado, expressar a opinião em relação ao tema. Vale ressaltar que a escolha deste assunto e dos textos, deram também pelo que é proposto no Currículo Paulista e conforme orienta Geraldini et al (2012, p.71):

Temática: economia, política e sociedade... Metodologicamente, o debate, a discussão irão centralizar os trabalhos de sala de aula. Os textos serão usados como suporte para tais discussões. Aqui, fatos servirão de introduções a textos mais dissertativos. A posição do aluno é a conclusão deste trabalho.

Assim, comparar o texto informativo do Wikipédia sobre um tema que privilegia uma discussão ampla, por tratar questões referentes à sociedade, fomenta o desejo dos alunos em participar expressando a opinião ou até mesmo, de forma mínima, argumentando sobre o assunto.

Devemos mencionar que quase todos os alunos não concordaram com a maioria da opinião dos entrevistados, ou seja, as respostas escritas para a amostra da atividade não condizem com o resultado da entrevista de opinião lida e que nas próximas atividades será escolhido também um tema que diz respeito às atitudes em sociedade. Segue transcrição de algumas respostas (Anexo A) dos alunos⁴:

“A minha opinião referente esse assunto é que eu não tenho nada contra homossexuais, porque acho que cada um sabe o que faz e das suas escolhas, então eu não opino sobre esse assunto”.

Não, minha opinião é que todos deviam ter todos os direitos, incluindo a união de homossexuais.

“Não sou a favor de nenhuma das opiniões, pois o Brasil é um país livre se você é homossexual ou não você que decide.

“Não concordo. Se existe amor entre pessoas do mesmo sexo, devem se casar sim”.

“Eu não discordo da opinião brasileira minha opinião cada um tem o direito de se expressar”.

Já na segunda questão, os alunos deveriam escrever argumentos que justificassem os interlocutores que a opinião deles era convincente, a escolha criteriosa de palavras aqui definirá se os argumentos dos alunos são persuasivos. Segue transcrição de algumas respostas dos alunos:

“Minha justificativa sobre esse assunto é que eles tem o mesmo direito porque é discriminação e eu não vejo nem um saber esse assunto, isso é da natureza humana, cada um tem sua opinião e suas escolhas, então eu não tenho nada

⁴ Os textos produzidos pelos alunos foram transcritos fielmente.

contra, eu no mais também não tenho nada contra pela mulher gostar de mulher e homem gosta de homem”.

“Todos deveriam ter o direito de se casarem com quem ama. E não é porque eles sentem atração deveriam ter esse direito pois todos temos direito de amar”.

“As pessoas tem o direito de decidir o que elas querem”.

“Todos temos o direito de se expressar e são livres para fazerem o que desejarem”.

Entretanto, ao encontro da questão número sete, da pesquisa quantitativa, em que foi perguntado “o que é argumentar?” mostrou realmente que eles fazem confusão, porque quase todos os alunos apenas repetiram as mesmas informação “que todo mundo tem o direito de escolher com quem casar”,

Ora, isso é o que está no senso comum e portanto não traz novidade alguma, não escreveram o porquê as pessoas têm o direito de casar com outras do mesmo sexo, posicionamentos estes que fariam toda a diferença e aprofundaria o debate entre seus interlocutores.

Assim, a partir desta amostra diagnóstica, foi possível elaborar um roteiro didático com atividades que integrassem os termos e conteúdo dos textos argumentativos; as leituras colaborativas para abertura do tema e estratégica de levantamento prévio sobre o assunto e atividades de escrita, objetivo deste trabalho, para a produção de texto argumentativo corroborando para a discussão: Criança deve trabalhar ou não?

4.1.1 Etapa 2: Elaboração Roteiro Didático

Diante dos resultados da pesquisa qualitativa, que traçou o perfil da turma, da avaliação diagnóstica que mediu o conhecimento dos alunos sobre a argumentação e após estudo bibliográfico sobre o tema, nossos esforços concentraram no desenvolvimento um material que pudesse contribuir, ainda que minimamente, com o desenvolvimento textual dos nossos alunos.

O roteiro didático elaborado como proposta de intervenção foi construído com sugestões de planos de aula para em consonância às leituras de múltiplos gêneros textuais, estimular a formação crítica através da argumentação. Considerando essa estratégia de ensino, as atividades foram direcionadas para trazer ao aluno, gradativamente, conhecimento sobre os elementos que compõem argumentação e desenvolver posicionamentos críticos.

Construído sob uma perspectiva cognitiva, desenvolveu-se uma proposta que visa à interação aos conteúdos e aos textos através de atividades lúdicas e metacognitivas, que estimulassem a reflexão sobre o tema abordado. Nesse sentido, trabalhando os planos em sequência, são favorecidos os benefícios de aprendizagem à turma de alunos.

Os planos de aula, juntos, somam dez e todos eles são contemplados com a parte metodológica de abordagem conceitual; trazem exercícios sobre o conteúdo trabalhado anteriormente, que não são repetidos, e atendem a diferentes formas didáticas de ensino.

Todo plano de aula apresenta, além dos objetivos principais e dos itens convencionais como quantidade de aulas, local para realização da tarefa, recursos tecnológicos e de materiais. Apresenta-se na metodologia, o passo a passo até a conclusão da aula. Não vem a sugestão de avaliação, pois todas as aulas deverão ser observadas e a escrita dos argumentos no final que deverá ter um peso avaliativo.

Como trata de um roteiro novo, certamente não há como garantir que todos os alunos da turma irão aprender da mesma forma, pois alguns possuem mais defasagens que os outros, porém ao adaptar e aplicar as atividades no contexto virtual, obtivemos resultados satisfatórios e que conduziram à escrita argumentativa.

4.1.2 Etapa 3: Leitura dos contos “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu pincel”

A literatura tem um papel fundamental para a construção da competência linguística dos alunos, pois através dela, entram em contato com um lugar que ao mesmo tempo que é imaginário, reflete também a realidade de uma sociedade na qual podem estar ou não inseridos.

Como a literatura também está vinculada a esses valores sociais, cujas palavras expressam ações e sentimentos sobre o mundo, colaboramos com a compreensão sobre o tema e promovemos a construção linguística deles através do contato direto com obras previamente selecionadas para estimular a curiosidade, ativar conhecimentos prévios de mundo e instigar novas leituras.

Em relação ao ensino da argumentação, concomitantemente aos demais conteúdos curriculares, que também se despertará o contato específico com as palavras relacionadas ao tema trabalhado, motivando a ampliação do repertório lexical e, portanto, a possibilidade do desenvolvimento da escrita e da fala de defesas de pontos-de-vista.

No que tange à exposição das obras “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu pincel”, devemos mencionar que as rodas de leitura, que seriam realizadas dentro da escola, organizadas

através da mediação colaborativa da pesquisadora e com devidas pausas para reflexão estrategicamente programadas; não puderam ser contempladas de maneira presencial pelo contexto pandêmico em todo o mundo.

Por conta da SARS–COV-2, o novo coronavírus que prolifera a COVID-19, fomos obrigados a exercer um papel de respeito ao coletivo e ficamos isolados desde o mês de março de 2020, adaptando então, nossas atividades ao ensino remoto.

À vista disso, para a aplicação do roteiro didático, tivemos que fazer toda contextualização para o ensino na modalidade virtual, embora enfrentando dificuldades com alunos que não dominavam as tecnologias; desencontros durante o horário agendado (já que, na maioria das vezes, o celular era de uso comum em mesma família), problemas com a conexão da internet, conseguimos cumprir e finalizar todos os planos de aula contidos no roteiro.

Na primeira semana de agosto de 2020, portanto, iniciamos a “leitura” (adaptada ao contexto virtual) de “Carvoeirinhos” e “Acompanhando meu pincel”. A primeira ação foi enviar no grupo do *Whats*, algumas perguntas para levantar os conhecimentos prévios (conforme o quadro de sugestões do plano de aula 01, do Roteiro Didático); porém, não sabemos se por conta da nova forma de estudo ou por timidez em divulgar a opinião em grupo de rede social, os alunos não foram receptivos às perguntas.

Pela dificuldade em promover interação mais efetiva, dividimos as obras em partes e foram editadas em formato de *mp4* (Imagens e áudio). Para estruturar o *storytelling*, conforme conceituamos na página 41, utilizamos então um aplicativo gratuito de edição de vídeo chamado *Inshot*, e através das páginas das obras escaneadas, fomos montando as edições.

Assim, os alunos receberam cinco vídeos, sendo um por dia e ao final de cada edição, era cortada, propositalmente para causar impacto e fazer com que os alunos refletissem ⁵:*Por que o marimbondo se compara o tempo todo com o menino”? “Se tivesse estudado, estaria melhor ainda”*.

Essas foram algumas reflexões dos alunos, após a sequência dos vídeos postados no grupo. As discussões sobre os textos ocorreram pela plataforma *Google Meet*, assim como as outras aulas que exigiram participações interativas e coletivas. Importante esclarecer que nesse encontro pela *Meet*, também foram sanadas dúvidas sobre as obras, e a turma classificou como positivas as experiências.

Não podemos deixar de mencionar, apesar de toda dificuldade, doze alunos conseguiram cumprir todas as atividades integralmente.

⁵ As falas produzidas pelos alunos foram transcritas fielmente.

4.1.3 Etapa 4: Aplicação das Atividades do Roteiro Didático

Nessa etapa que vivenciamos no contexto remoto, iniciou na segunda quinzena de agosto; a partir dali nosso encontro era com quatro aulas de quarenta minutos cada, por semana, sendo nas terças-feiras o encontro via CMSP (Centro de Mídias do Estado de São Paulo), que é um aplicativo cujo banco de dados é patrocinado pelo governo paulista.

Entretanto, nesse aplicativo tivemos algumas dificuldades, pois o diálogo com os alunos era feito exclusivamente pelo *chat*, então nas terças, era dia da teoria e na quinta, interação com resolução de dúvidas e atividades. Ainda assim, alguns alunos tiveram problema de presença, tanto nas aulas de terça quanto na aula de quinta, por motivos variados já mencionados. Dessa forma, também foram enviados vídeos complementares autorais para que o aluno não se sentisse perdido e pudesse continuar compreendendo cada conceito, tudo isso para que as atividades interventivas fizessem sentido para os alunos.

Também não podemos deixar de mencionar que o Roteiro didático foi impresso pela escola e seguindo os protocolos do grupo de Contingência contra a Covid-19 do Estado de São Paulo, foi entregue lacrado com plástico que poderia ser higienizado com álcool, garantindo assim, que os alunos não deixassem de fazer as tarefas e se mantivessem em segurança quando fossem retirá-lo.

No tocante aos conteúdos e abordagens, foram estudados e dialogados: gêneros e tipologias textuais; termos, significados e aplicação em enunciados; diferença entre fatos e opiniões e como localizá-los; o significado da argumentação e a importância para o contexto social; estratégias e tipos de argumentos; todos imprescindíveis para a autonomia e crítica construtiva.

Acreditamos também que a multiplicidade de gêneros trabalhados aguçou a percepção dos alunos em relação ao tema, pois nas aulas interativas, além dos objetivos do funcionamento dos textos: O quê? Para quê? Como? Quando? Por quê falo e/ou escrevo; ressaltamos os implícitos argumentativos existentes nesta variada coletânea textual.

Entre os planos de aula da sequência do roteiro didático, também analisamos quais os caminhos possíveis no contexto dos alunos para chegar até a argumentação e as respectivas estratégias. No que concerne nossa reflexão, observaremos no próximo tópico, a evolução da primeira atividade de produção textual, a saber “Aula 7 – Primeiro Parágrafo Argumentativo” até o texto final.

4.1.4 Etapa 5: Produção de Argumentos

A construção do texto argumentativo finda um ciclo de muito aprendizado e de luta constante, principalmente porque o ensino remoto foi uma novidade não esperada, não desejada por todos nós. Foi um desafio, porém conseguimos cumprir com o propósito da produção textual e os alunos irão para o Ensino Médio com menos defasagens em relação à argumentação.

Na atividade final, foi posta em questão, a produção de um texto dissertativo, onde o aluno deveria defender uma tese sobre “Criança deve ou não trabalhar?” e para isso, deveria utilizar de todo conhecimento para fundamentar sua tese com argumentos convincentes.

Após participarem das aulas interativas e realizarem as atividades propostas, todos os participantes conseguiram desenvolver o texto final proposto no último plano de aula do roteiro didático. Importante destacar que alguns tiveram mais dificuldades que os outros por conta do nível da defasagem e pelo contexto da pandemia, porém a maioria apropriou das estratégias propostas.

O crescimento da aprendizagem foi também medido através de um comparativo entre a proposta da atividade (Plano de aula⁷ – Apêndice página 77), em que solicitou “Você acredita que as opiniões expressas pelos usuários em relação ao *post* inicial são convincentes? Você os denominaria de “argumentos”? Por quê? Dê a sua opinião respondendo à postagem de Ana Clara e crie pelo menos, dois argumentos para justificar a sua afirmação” até a produção final, onde observamos, na maioria dos estudantes, a utilização de diferentes estratégias argumentativas e domínio no desenvolvimento lexical.

Portanto, podemos inferir que tais conquistas, como: autonomia para escrever argumentos, refletir quais estratégias argumentativas utilizar; relacionar a leitura à escrita; foram motivadas pelo constante incentivo às leituras, ampliando assim o repertório linguístico como estratégia fundamental.

Assim, neste tópico, evidenciaremos alguns textos dessa atividade 7, que trazem menção aos tipos de argumentos apreendidos, ou seja, os alunos apropriaram desse conteúdo. Também analisaremos a progressão, em relação ao texto final, com marcas da argumentatividade, para compreendermos o significado desse crescimento autoral. Vamos expor quatro parágrafos selecionados da aula 7, nomeando como alunos 1, 2, 3 e 4⁶:

Aluno 1 (Atividade 7): “Não sou a favor, e nem contra tudo depende do caso específico, crianças devem estudar e criar um futuro, não pensar em qual trabalho trabalhar, sou a

⁶ Os textos produzidos pelos alunos foram transcritos fielmente.

favor de empregos para os infanto-juvenis desde que seja como uma forma de aprendizado e não como obrigação” (Anexo B)

Aluno 1 (Produção Final) “Todo mundo pede um país ou por um mundo melhor, e como foi dito por Monteiro Lobato “É somente através dos jovens que as mudanças necessárias ao mundo serão realizadas”. A partir disso você acha que uma criança sendo explorada ou até mesmo que trabalha para sustentar sua família, vai ter capacitação para estudar e mudar o mundo que nós estragamos? Pesquisa feita pelo PETI programa de erradicação do trabalho infantil, aponta que 60% dos jovens que trabalham tendem a ter um péssimo rendimento escolar [...] De acordo com o estatuto da criança e do adolescente e com a constituição, a criança pode realizar apenas pequenas tarefas domésticas e de acordo com sua idade. Portanto o trabalho infantil sempre será prejudicial a criança[...] (Anexo C)

Interessante observar que o aluno 1 não se posiciona, na atividade 7 fica neutro em relação às opções, depois menciona que é a favor com condições, porém não justifica como crianças poderiam trabalhar como aprendizes. Também não menciona se considera as postagens do fórum como argumentos.

Já no segundo texto, embora inicie de maneira genérica, ele elabora um argumento de autoridade, pois faz a citação de escritor de renome Monteiro Lobato para defender sua tese de que para termos uma país melhor é necessário investir na infância com qualidade, além de usar a estratégia das perguntas diretas.

Responde à pergunta se posicionando em relação a defesa de sua tese e constrói argumentos para defendê-la integralmente. Além da citação, também utiliza outros tipos de argumentos para realçar o seu posicionamento ao longo do texto, acrescenta dados estatísticos do PETI e, no penúltimo parágrafo, ainda usa da declaração, através da citação do Estatuto da criança e do adolescente (ECA). Na conclusão, reafirma a tese que abriu o texto. “*Portanto, o trabalho infantil sempre será prejudicial a criança*”.

Aluno 2 (Atividade 7): “Acredito que elas não são muito convincentes. Sim, eles são argumentos porque eles tentam influenciar o interlocutor cuja a apresentação de manda de ideias, porém em algumas daqueles casos: sim ou não. A minha opinião é que ela está certa, até porque a infância vai até 12 anos de idade e se os estudos dessa pessoa não estiver comprometido, não vejo problema” (Anexo B)

Aluno 2 (Produção Final) “Entretanto em 2017 o IBGE divulgou que 1,8 milhões de crianças entre 5 a 17 anos trabalhando em 2016 em atividades proibidas pela legislação como as já citados[...] Dessa forma faz-se necessário um conjunto de ações para diminuir o trabalho infantil nesse país, assim como uma intervenção maior do conselho tutelar nas escolas, projetos propostos pelo governo para conscientizar da existência desse crime e uma intervenção financeira ou propostas de emprego para as famílias mais pobres. [...] (Anexo C)

Nos textos do aluno 2, também podemos notar uma mudança de postura. No texto da atividade 7, o aluno acredita que a partir dos 12 anos a criança pode começar a trabalhar desde que não comprometa os estudos, mas no texto final, ele busca demonstrar que mesmo para os adolescentes, ou seja, pessoas até 18 anos, não devem trabalhar. Ele usa um argumento baseado em provas concretas, isto é, um dado estatístico do IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico Estatístico) sobre a população de crianças que exercem atividades ilegais. Para reforçar seus argumentos, também propõe várias soluções para a resolução para o problema, como a intervenção dos conselhos tutelares.

Aluno 3 (Atividade 7): “Não, é um argumento porém sem nenhuma estratégia para convencer, eles poderiam ter usado frases ou fala de autoridade ou explicado melhor” (Anexo B)

Aluno 3 (Produção Final) “Como transformar uma criança em um cidadão responsável e competente? Como permitir uma formação desta criança com qualidade de modo que ela tenha capacidade de ter um emprego e sustentar a sua própria família? Com certeza não e com o trabalho infantil[...] De acordo com a pesquisa feita pelo PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) indica que 60% dos jovens e crianças que trabalham tem um péssimo rendimento escolar [...] O governo deveria criar um programa de assistência para atender famílias desamparadas e incentivar mais crianças a estudar [...] (Anexo C)

O aluno 3, na atividade 7 antecipa um pouco do assunto que seria o próximo da sequência, evidenciando que realmente ele sabia o que era argumentar, mas não postou a sua justificativa sobre o tema. No texto final, entretanto, criativamente utiliza-se de perguntas diretas para promover a reflexão do leitor sobre a sua resposta, que é tese: o trabalho infantil não torna uma criança competente e responsável.

Podemos observar também que acrescenta outros tipos de argumentos, como dados estatísticos e reforça sua tese com propostas ideias de intervenção.

Aluno 4 (Atividade 7): [..]

Aluno 4 (Produção Final) “[..]assim como a personagem do livro “acompanhando meu pincel”, porque também trabalho para ajudar em casa e isso não deveria ser um crime. Ajudar em casa é uma solução para está sociedade que não tem condições de vida e também não precisamos abandonar os estudos por isso. Minha mãe, com toda sua inteligência sempre me fala que começou a trabalhar aos 12 anos, ou seja, foi muito bom para ela. Não concordo com a escravidão e exploração das crianças e nem de ninguém, mas acho que muitas crianças estariam melhores se todos seguissem o ditado “ajude para ser ajudado” (Anexo C)

Na atividade 7, o aluno estava presente na aula, mas decidiu não manifestar por escrito, pediu um tempo para entregar depois. Esse aluno tem muita dificuldade com a escrita e nas aulas interativas, dialoga muito pouco. Escolhemos o texto dele porque foi uma surpresa ao contrário da maioria, defender o trabalho infantil, como também apresentar de forma enfática sua tese. Como recursos argumentativos, cita a narrativa “Acompanhando meu pincel” lida no início da proposta que proporcionou identificação direta com a personagem da obra e conseqüentemente, ampliação do léxico.

Também citamos esse texto pois, apesar de ser objetivo, claro e direto, também há argumentação presente na citação da obra, na analogia em referência à sua família. A linha condutora é precisa do início ao final e reafirma a tese no último parágrafo meio que dizendo “sou a favor do trabalho, não da exploração da criança no trabalho”. Foi um texto escrito extrapolando ideias e emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se mencionou no início, esta dissertação objetivou a elaboração de um roteiro didático que visou contribuir com a formação crítica através da argumentação, de alunos do 9º ano de uma escola pública na cidade de Pedregulho, interior do estado de São Paulo.

Tal escolha ocorreu pela percepção das pesquisadoras de que os alunos podem desenvolver a competência argumentativa e estabelecer diálogos com a imensa quantidade de textos, às vezes de teor duvidoso, em redes sociais, sites, revistas e etc. Buscou-se, também, essa investigação para estimular este tipo de produção, que é tão exigida em concursos, vestibulares e outros desafios cotidianos.

Iniciamos o trabalho com uma pesquisa aplicada à turma escolhida, elaboramos algumas perguntas que nos auxiliaram a traçar o perfil da sala e levamos informações sobre o conhecimento da palavra argumentar. Após análise dos dados, fizemos uma diagnose e avaliamos se os alunos conseguiam escrever argumentos. Essa etapa foi extremamente importante, pois com ela não só pudemos avaliar previamente o que sabiam, mas conseguimos dimensionar o tanto que poderiam desenvolver em relação à argumentação.

Não podemos deixar de mencionar que em uma pesquisa-ação, a execução e análise de todas as etapas são de extrema importância, como a diagnose, que nos trouxe informações de como elaborar e orientar os planos de aula e atividades do roteiro didático. Assim, comumente aos estudos bibliográficos, após resultados coincidiram com as percepções que tínhamos sobre as dificuldades dos alunos e, diante das pesquisas concluídas, partimos para um estudo teórico que resultou na elaboração de um roteiro didático.

Como acreditamos que a linguagem se concretiza na interação dos sujeitos, e que as respectivas intenções comunicativas estão relacionadas ao contexto em que vivem os alunos, reforçamos que todas as ações foram direcionadas pensando na turma, que recebe poucos estímulos à leitura, pois, moram numa cidade pequena, predominantemente agrária, portanto, não possuem acesso a experiências culturais como cinema, teatro, museu e outros.

O roteiro didático contou, principalmente, com dois eixos: contos escolhidos para serem lidos de forma colaborativa, também chamada de compartilhada, por ser feita com a mediação direta da professora, orientando para pistas linguísticas e retomadas conceituais; e pela elaboração de atividades que contemplaram os conceitos apreendidos de forma interativa, lúdica, didática e com a presença de outros gêneros textuais.

Também salientamos que os contos escolhidos, assim como os outros variados gêneros textuais, possuíam uma mesma temática: o trabalho infantil. Tal decisão foi tomada por relevarmos duas premissas. O léxico e a presença da argumentação em variados gêneros textuais.

A primeira, por considerar o léxico como uma estratégia argumentativa: quanto mais aprofundamos sobre um determinado assunto, mais repertório linguístico os alunos terão para desenvolver argumentos. A segunda, por acreditarmos que a tipologia argumentativa está presente em vários gêneros, é notório observar que também nos discursos considerados neutros, apresentam, ainda que de forma implícita, as reais intenções comunicativas. Então, na voz dos personagens e como a narração foi contada, alguns elementos foram construídos para atender os objetivos do enunciador.

Com o roteiro pré-estabelecido, fomos surpreendidos com uma pandemia mundial, causada pelo novo coronavírus (SARS -COV -2) e, em decorrência da gravidade viral, precisamos ficar isolados e as atividades foram adaptadas à modalidade remota.

Assim, iniciamos a aplicação proposta de intervenção e ao invés de fazer a leitura dos contos “Carvoeirinhos”, de Roger Mello (2009) e “Acompanhando meu pincel”, de Dulari Devi (2017), de forma presencial, adaptamos as duas narrativas em *storytelling*, produzidos em *mp4* (áudio e vídeo), e disponibilizamos trechos pelo grupo *do WhatsApp* propositalmente de forma gradativa, estimulando a curiosidade e a imaginação.

Após a conclusão das leituras podemos iniciar a aplicação das atividades. Como estávamos em contexto de aulas virtuais, nas terças-feiras era ministrado o conteúdo no dia e, na quinta-feira, através do *Google Meet*, acontecia o encontro virtual

Vale ressaltar, também, que por conta das dificuldades com falta de computadores ou revezamento de celular entre os membros das famílias dos alunos, foram postados vídeos sobre a matéria no grupo, de modo que quem perdesse a aula poderia recuperar o conteúdo anteriormente ofertado.

Todas as atividades realizadas provocaram reflexões sobre as (im)possibilidades de as crianças poderem ou não trabalhar, tema polêmico e previamente escolhido para estimular posicionamentos críticos e manifestados em um texto dissertativo-argumentativo. Por isso, trabalhamos conceitualmente, também, estratégias e tipos de argumentos, que contribuíram para uma produção final, que se encontra no Anexo C, desse trabalho.

A aplicação das atividades ocorreu entre os meses de agosto de 2020 a outubro de 2020, e todas se efetivaram de maneira remota. Podemos salientar que apesar de não contar com todos

os alunos da sala e dispormos de menos tempo do que no contexto presencial, consideramos que foram válidas as atividades de maneira virtual. Os alunos conseguiram produzir argumentos em defesa dos pontos-de-vista nos quais acreditavam.

Depois da pesquisa-ação realizada, é importante reiterar que algumas as atividades precisam ser aprimoradas, há sempre algum detalhe que podemos rever. Acreditamos, porém, que por ser aplicada de maneira remota, com todas as dificuldades de acesso aos aparelhos e a internet, os alunos conseguiram identificar o que são argumentos. Desse modo, compreenderam também a importância do posicionamento crítico frente à realidade na qual vivem.

Esperamos que este trabalho possa fomentar mais pesquisas sobre a temática investigada e que elas contribuam para que os alunos recebam e acolham a importância da defesa de pontos de vista com crítica e possam escrever para defender a própria vida e da comunidade, que ingressem em universidades e nos mercados de trabalho com capacidade reflexiva e criticidade e, por fim, que não aceitem e compartilhe informações questionáveis.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro & interação**. 3 ed. São Paulo: Editora Parábola, 2003.
- _____. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRANDÃO, H. N. (org.). **Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOSSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CASAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO NO BRASIL. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil&oldid=60265431](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Casamento+entre+peessoas+do+mesmo+sexo+no+Brasil&oldid=60265431)>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2010.
- CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1996.
- _____. **Linguagem e Persuasão**. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CUNHA, D.A.C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião: In: DIONÍSIO, A P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.166-179.
- DEVI, D. **Acompanhando meu pincel**. 1 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

DUQUE, P.H. Discurso e cognição: uma abordagem em frames. **Revista da Ampoll, Florianópolis**, v.1, n.39, 2015, p. 25-48. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/902/829>. Acesso em: 14 set. 2020.

FIORIN, J. L. O ensino de português nos níveis fundamental e médio: problemas e desafios. In: SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M. K. **Teoria e prática de letramento**. Brasília-DF: INEP–UPF, 2007, p. 95 -116.

_____. **Argumentação**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Anglo, 2012.

_____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES, L. **Contos populares brasileiros**. Cidade. Melhoramentos, 2014

KOCH, I. **Argumentação e linguagem**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006

KOCH, I; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LOPES-ROSSI, M.A. G. O desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção de textos a partir de gêneros discursivos. In: _____. (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté-SP: Cabral, 2002, p 19 – 40

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, R. **Carvoeirinhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NETO, J.C. M. **A educação pela pedra e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
Pedregulho: Em busca do café perfeito. ABAGRP, 2021. Disponível em: www.abagrp.org.br. Acesso em: 04 jan, 2021.

PERELMAN, C; OLBRECHTS - TYTECA, L. **Tratado de la argumentación**. La Nueva Retórica. Tradução Espanhola de Julia Sevilla Muñoz. Madrid: Editorial Gredos, Biblioteca Románica Hispánica, 1989.

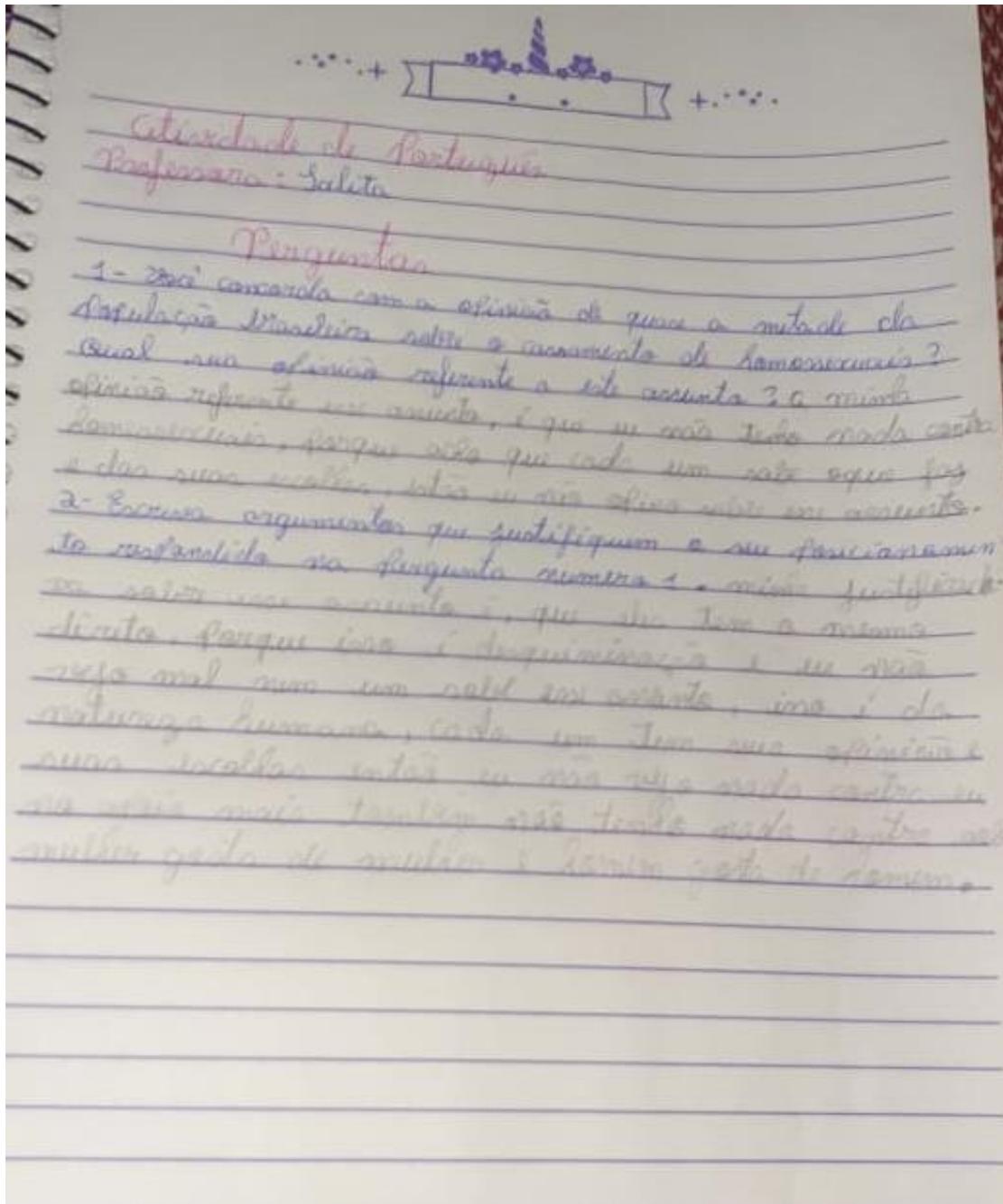
REVISTA EXAME. São Paulo (SP): Editora Abril, 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/quase-50-dos-brasileiros-sao-contras-casamentos-gays>
Acesso em: 04 mar. 2020

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Currículo Paulista: etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental (Volume 1)**. São Paulo: SE, 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

ANEXO A – Textos dos alunos referentes à Diagnose



D S T Q Q S S

05/03/20

atividades

1 - Você concorda com a opinião de quase a metade da população brasileira sobre o casamento de homossexuais? Qual sua opinião referente a esse assunto?

não, minha opinião é que todos devam ter todos os direitos incluindo o união de homossexuais

2 - Escreva argumentos que justifiquem e seu posicionamento respondido na pergunta nº 1

Todos devem ter o direito de se casarem com quem ama. É não é porque eles sintem atração pelo mesmo sexo e não pelo o oposto que eles não devem ter esse direito, pois todos tem o direito de amar.

Professora Talia Machiavelli
 Data: 05/03/2020
 9º ano B

Atividade Diagnóstica Língua Portuguesa
 Leia o resultado da pesquisa abaixo e respon-
 da:

Apenas um terço dos brasileiros é favorável
 ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

1) Você concorda com a opinião de quase a
 metade da população brasileira sobre o casamento
 de homossexuais? Qual sua opinião referente
 a este assunto?

Não concordo, eu sou absolutamente a favor do
 casamento LGBT e acho que as pessoas têm que
 ser mais respeitadas com a opinião das outras pe-
 soas um tem o livre a direito de escolher. Um
 casamento assim é muito importante e simbólico

Escreva argumentos que justifiquem o seu
 posicionamento respondido na pergunta número 1
 Os homossexuais como todos podem se casar
 e com os mesmos direitos. Eu não concordo
 nem somente menos da metade da população

05/03/20

Professora = Talita Machiarelli

Data: 05/03/2020 9º ano B

Atividade Diagnóstica Língua Portuguesa
 Leia o resultado da pesquisa abaixo e responda:

Apenas um terço dos brasileiros é favorável ao casamento entre pessoas do mesmo sexo

1- Você concorda com a opinião de que quase a metade da população brasileira sabe sobre o casamento de homossexuais? Qual sua opinião referente a este assunto?

R: Não concordo, eu sou absolutamente a favor a casamento homossexuais e a outras lutas, e acho que é importante e simpatico.

2- Escrito argumentos que justifiquem o seu posicionamento respondido na pergunta número 1.

R: Não concordo com uma quase metade da população, pois não é o caso de que cada pessoa sabe sobre uma realidade como o casamento (homossexual) e que o LGBT também não são apenas palavras, mas sim pessoas reais. O resultado de tudo isso é a discriminação de quem é do mesmo sexo, tipo: Lesbais = gestorem de meninas; gays = gestorem de homens; bissexuais = gestorem de dois sexos; transsexuais = se vestem e se tornam fisicamente de sexo oposto que nascem. E não todos sabem sobre isso.

Carteira LDB 1. As regiões do país em que a união civil é menos aceita são Nordeste, Norte e Centro-Oeste. Nas três regiões, 62% da população das três regiões não concorda com a união de pessoas do mesmo sexo. <https://exame.abril.com.br/brasil/o-que-os-brasileiros-pensam-sobre-sete-temas-polemicos/>. Acesso em 03/03/2020.

- 1) Você concorda com a opinião de quase a metade da população brasileira sobre o casamento de homossexuais? Qual sua opinião referente a este assunto?
- 2) Escreva argumentos que justifiquem o seu posicionamento respondido na pergunta número 1.

Não sou a favor de nenhuma das opiniões, pois o Brasil é um país livre, se você é homossexual ou não você que decide.

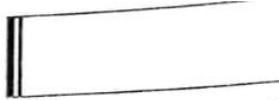
ANEXO B – Textos dos alunos referentes à Atividade 7

Não vou a favor, e nem contra,
tudo depende do caso específico,
crianças devem estudar e
criar um futuro, não pensar
em qual trabalho trabalhar, ou
a favor de empregos fora do
ambiente-funcionário desde que seja
como uma forma de aprendizagem e
não como uma obrigação.

Acredito que elas não são muito convincentes. Sim, elas são argumentes porque elas tentam influenciar o interlocutor cuja a apresentação demanda de ideias, porém em alguns daqueles casos só existem as opiniões como: Sim ou não. A minha opinião é que ela está certa, até porque a infância vai até 12 anos de idade e se os estudos dessa pessoa não estiverem comprometidos, não vejo problema.

Opô, é um argumento porém
sem nenhuma estratégia para
conversar, eles poderiam ter
usado frases ou fala de au-
toridade ou explicado melhor.

ANEXO C – Textos dos alunos referentes à produção final



 Todo mundo pede por um país ou por um mundo melhor, e como foi dito por Monteiro Lobato "É somente através dos jovens que as mudanças necessárias ao mundo, serão realizadas." A partir disso você acha que uma criança sendo explorada ou até mesmo que trabalha para sustentar sua família, vai ter capacidades para estudar e mudar o mundo que nós estragamos?

Pesquisa feita pelo PETI programa de erradicação do trabalho infantil, aponta que 60% dos jovens que trabalham tendem ter um péssimo rendimento escolar. Muitos acabam não tendo tempo para ir à escola e focar nos seus estudos.

O trabalho seja ele doméstico ou rural, promove a evasão escolar, pois muitos perdem a aptidão e o interesse de ir para escola, pelo seguinte fato de que o corpo infantil pode suportar.

Na infância é onde nosso corpo é formado por completo ossos, músculos e órgãos. Um trabalho carregando coisas pode acarretar em um problema de coluna no futuro. De acordo com o estatuto da criança e com a constituição, a criança pode realizar pequenas tarefas domésticas, de acordo com sua idade.

Portanto o trabalho infantil sempre será prejudicial a criança, além de problemas na saúde ele impossibilita as crianças de seus direitos, a seus estudos e uma educação de qualidade.



Está atestado no Estatuto da Criança e do Adolescente o direito à liberdade, ao respeito e dignidade e isso significa dizer que toda criança tem direito a brincar, praticar esportes, divertir-se, participar da vida familiar e comunitária sem discriminação.

Precisamos definir com clareza o que é o trabalho infantil para podermos entender o que estamos defendendo ou não. Assim sendo se o trabalho é infantil, considera-se que a infância vai até os 12 anos incompletos, segundo o mesmo estatuto citado acima.

A lei considera ainda que somente a partir dos 14 anos de idade que pode-se trabalhar, como jovem aprendiz e entre 16 a 18 anos como registrado, mas em regimes que não são pesados e sem prejudicar seus estudos. Entretanto em 2017 o IBGE divulgou que 1,8 milhões de crianças entre 5 a 17 anos trabalhavam em 2016, em atividades proibidas pela legislação, como as já citadas.

Existem inúmeros motivos para esse número ser tão grande, mas podemos citar que em muitos casos a situação paupérrima das famílias força o incentivo de trabalho para o sustento básico das mesmas, além da falta de fiscalização das autoridades públicas em empresas.

Dessa forma faz-se necessário um conjunto de ações para diminuir o trabalho infantil nesse país, assim como uma intervenção maior do conselho tutelar, nas escolas, projetos propostos pelo governo para conscientizar da existência desse crime e uma intervenção financeira ou proposta de emprego para as famílias mais pobres.

Como transformar uma criança em um cidadão responsável e competente? Como permitir uma formação desta criança com qualidade de modo que ela tenha capacidade de ter um emprego e sustentar a sua própria família? Com certeza não e com o trabalho infantil.

De acordo com a pesquisa feita pelo PEII (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) indica que 60% dos jovens e crianças que trabalham tem um péssimo rendimento escolar, sendo que muitos desiste por sentir cansaço e falta de ânimo para estudar e ao abandonar a escola eles não tem oportunidades no mercado de trabalho e nem perspectiva de sair da pobreza. Muitas crianças que trabalha numa idade precoce não desenvolve suas potencialidades e agude o desenvolvimento cerebral.

Levando-se em consideração esses aspectos podemos afirmar que o trabalho infantil prejudica muito os jovens e crianças. O governo deveria criar um programa de assistência para atender famílias desamparadas e manter mais crianças a estudar e não abandonar a escola dando a eles mais oportunidades, assim com a ajuda do governo Federal junto com o governo Municipal teriam um apoio melhor e não precisariam fazer trabalho braçal para ajudar a sustentar famílias e sem estudar para ter um futuro melhor. Crianças devem brincar

Precisamos falar sobre o trabalho infantil, quero expressar a minha opinião. Tenho 14 anos e cuido de um menininho, assim como a personagem do livro "acompanhando meu pincel"; porque também trabalho para ajudar em casa e isso não deveria ser um crime.

ajudar em casa é uma redução para esta sociedade que não tem condições de vida e também não precisamos abandonar os estudos por isso.

minha mãe, com toda sua inteligência sempre me fala que começou a trabalhar aos 12 anos, ou seja, foi muito bom para ela.

não concordo com a escravidão e a exploração nem das crianças e nem de ninguém, mas acho que muitas famílias estariam melhores se todos seguissem o ditado "ajude para ser ajudado".

APÊNDICE A – Roteiro Didático

**ROTEIRO DIDÁTICO****A FORMAÇÃO CRÍTICA
ATRAVÉS DA ARGUMENTAÇÃO**

**Talita Machivelli do Carmo
Dra. Maria Eunice Barbosa Vidal**

2021

A. APRESENTAÇÃO

Caro professor,

É com satisfação que disponibilizamos este roteiro didático como sugestão de propostas de atividades que poderão contribuir com a formação crítica dos alunos dos 9º anos através do ensino da argumentação. Importante considerar que o material proposto é o resultado de uma pesquisa a nível do Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, por isso, é nosso desejo que você o utilize em suas aulas de Língua Portuguesa e contribua para o desenvolvimento das habilidades exigidas para os anos finais do ensino fundamental, como norteiam os documentos oficiais de ensino do Brasil, a saber: : PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e o Currículo Paulista.

Devemos mencionar que os exercícios foram elaborados a partir de uma diagnose em que se constatou defasagem na construção de argumentos e por conseguinte, falta de domínio na escrita dissertativo-argumentativa, desta forma, após estudos sob a perspectiva sociocognitiva, propomos atividades que contemplem a reflexão sobre o tema abordado e a atenção ao léxico linguístico.

Assim, acreditamos que para o domínio da argumentação os estudantes devam ampliar o repertório linguístico que poderá ser conquistado através de múltiplas leituras sobre determinado tema trabalhado. Portanto, este roteiro didático, além dos contos literários opcionais na abertura, contém múltiplos gêneros sobre o tema “Trabalho infantil”, que complementam as atividades e servirão como guias orientadores para uma produção escrita final.

O roteiro didático está dividido em dez planos de aulas, que aplicados na sequência indicada, poderão trazer resultados positivos, cujos temas estão descritos abaixo:

PLANOS	TEMA
1	<i>Leitura colaborativa do conto “Carvoeirinhos” (Roger Mello)</i>
2	<i>Leitura colaborativa do conto “Acompanhando meu pincel” (Dulari Devi)</i>
3	<i>Os gêneros e as tipologias textuais que circulam na sociedade</i>
4	<i>O léxico e a estrutura argumentativa</i>
5	<i>Diferença entre fato x opinião</i>
6	<i>O que é argumentar?</i>
7	<i>Primeiro parágrafo argumentativo</i>
8	<i>Estratégias argumentativas</i>
9	<i>Ampliando o léxico sobre o Trabalho Infantil</i>
10	<i>Escrevendo um texto argumentativo</i>

Os planos abordam indicações de leituras de obras literárias que poderão ser realizadas de maneira compartilhada, através da sua mediação e atividades a partir do estudo conceitual, como também respectivas aplicações em exercícios, que servirão como apoio para a escrita argumentativa final.

Sucesso!

Plano de aula 1 – Leitura colaborativa do conto “Carvoeirinhos” (Roger Mello)

- **Objetivos:** Possibilitar a formação de leitores através da leitura de contos; aprender no texto literário, visões de mundo próprias de determinados contextos da cultura e da sociedade.
- **Quantidade de aulas:** 2
- **Local:** Sala de leitura
- **Recursos pedagógicos:** Conto “Carvoeirinhos” (disponível para baixar em PDF em <http://www.skoob.com.br/livro/pdf/carvoeirinhos/livro:622598/edicao:623423>) e voz.

Professor: Esta obra é vencedora do prêmio Hans Christian Andersen, em 2010 e apresenta de forma lúdica e poética a denúncia contra o trabalho infantil. Narrado por um inusitado personagem, o marimbondo, a história de duas crianças que trabalham ilegalmente em



- **Desenvolvimento:**

- Reúna a turma em círculo, de modo que todos possam visualizar as imagens durante a leitura;
- Leia uma breve biografia do autor, Roger Mello e ressalte que as imagens também foram desenhadas e coloridas por ele;
- Faça o levantamento prévio do conhecimento dos estudantes sobre o tema. No quadro abaixo, há sugestão de questões para serem dialogadas;
- Comece mostrando a capa e inicie a leitura em voz alta;
- Vá despertando a curiosidade sobre a leitura retomando palavras e significados; pause a leitura para explicar imagens, module a voz dos personagens e elabore questões para antecipar as próximas páginas, como “E agora, você acha que o menino vai ser descoberto e deixará de trabalhar?”. Fique à vontade para elaborar perguntas de acordo com contexto da sua turma;
- Peça para os alunos irem registrando os pontos da leitura que julgarem mais interessantes;
- Após leitura, faça um debate com todos os estudantes para avaliar o que aprenderam sobre o texto, expressar opiniões e críticas.

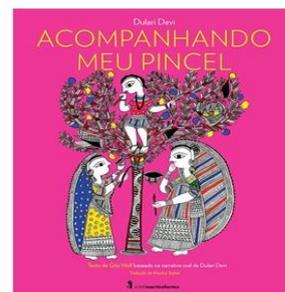
Quadro com sugestões de perguntas para o levantamento do conhecimento prévio dos alunos.

- a) Você conhece o termo “Carvoeiros”? Já ouviu falar de “carvoaria”?
- b) O que duas crianças podem fazer no meio de uma carvoaria?
- c) O que espera ouvir de uma história narrada por um marimbondo?
- d) O que um marimbondo pode ter em comum com uma criança?
- e) Você sabe qual o ciclo da vida de um marimbondo?
- f) Quais são os direitos e deveres de uma criança?

Plano de aula 2 – Leitura colaborativa do conto “Acompanhando meu pincel” (Dulari Devi)

- **Objetivos:** Possibilitar a formação de leitores através da leitura de contos; aprender no texto literário, visões de mundo próprias de determinados contextos da cultura e da sociedade.
- **Quantidade de aulas:** 2
- **Local:** Sala de leitura
- **Recursos pedagógicos:** Conto “Acompanhando meu pincel” (disponível para baixar em PDF em http://biblioteca.centrsim.ru/baixar/acompanhando_meu_pincel_5705-pdf-graca.html) e VOZ.

Professor: Esta obra narra a história de vida da própria autora, que teve sua infância marcada pelos trabalhos domésticos, mas que descobriu uma oportunidade de se tornar uma grande



- **Desenvolvimento:**

- Novamente, reúna a turma em círculo e se possível, leve os alunos em outro ambiente ou peça que tragam almofadas para a nova roda de leitura;
- Entregue o texto aos alunos para manusear o livro e poderem ver de perto as imagens e cores;
- Leia uma breve biografia da autora, Dulari Devi e resalte que as imagens também foram desenhadas e coloridas por ela;
- Também faça alguns questionamentos (no quadro abaixo há sugestão de questões para serem dialogadas) e fique à vontade para construir outras perguntas;

- Inicie a leitura e peça que cada um leia um trecho;
- A cada troca de leitor, faça uma reflexão sobre o trecho lido e ofereça pistas linguísticas;
- Peça para os alunos irem registrando os pontos da leitura que eles julgarem mais interessante;
- Após leitura, faça um debate todos os estudantes para avaliar o que aprenderam sobre o texto, expressar opiniões e críticas.

Quadro com sugestões de perguntas para o levantamento do conhecimento prévio dos alunos.

- a) O que sugere o título “Acompanhando meu pincel”?
- b) A capa do livro é bem colorida e parece uma pintura, do que será que a obra abordará?
- c) Você já precisou trabalhar em casa para ajudar seus pais? Como foi essa experiência?
- d) Na sua opinião, o que jamais pode faltar na vida de uma criança?

Plano de Aula 3 – Os gêneros e as tipologias textuais que circulam na sociedade

- **Objetivo:** Mostrar os diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade e suas respectivas tipologias predominantes; enfatizar a diferença entre eles.
- **Recursos pedagógicos:** *Datashow* e voz
- **Quantidade de aulas:** 1
- **Local:** Sala de Vídeo
- **Desenvolvimento:**
 - Organize a sala de modo que todos possam visualizar o *Datashow*;
 - Projete exemplos de textos que estão inseridos na sociedade e na rotina dos alunos: panfletos, notícias, *memes*, texto dissertativo-argumentativo (vestibular) etc.;
 - Dialogue com os alunos quais os suportes que estão veiculados e quais os possíveis objetivos de produção;
 - Explique também sobre as tipologias predominantes em cada texto e resalte que um gênero pode apresentar mais que uma tipologia textual;
 - Por último, apresente um texto dissertativo-argumentativo e comente que a tipologia argumentativa será foco das próximas aulas.

Plano de Aula 4 – O léxico e a estrutura argumentativa

- **Objetivos:** Conhecer as palavras que fazem parte do roteiro argumentativo, como também, reconhecer a estrutura dissertativo-argumentativa.
- **Recursos pedagógicos:** Dicionário, lousa, giz e folha impressa com exercícios (abaixo):
- **Quantidade de aulas:** 1
- **Local:** Sala de aula
- **Desenvolvimento:**
 - Coloque a palavra “ARGUMENTAR” na lousa e pergunte aos alunos “Quando pensam na palavra, o que vem no pensamento”? Juntos vocês construirão um *brainstorming* (chuva de ideias). Os alunos poderão ir à lousa e acrescentar termos. Se os alunos sentirem dificuldades, você pode ir escrevendo outras também;
 - Depois de construído (como no modelo abaixo), explique que as palavras fazem parte do gênero dissertativo-argumentativo e conhecer esses termos, são muito importantes para entender o funcionamento da estrutura textual e os respectivos objetivos de escrita.
 - Após os alunos identificarem os significados das palavras, você deverá fazer a correção explicando a diferenças entre os termos.



Plano de Aula 4 - ATIVIDADES

Procure no dicionário o significado das seguintes palavras e relacione aos contextos abaixo para melhor compreensão dos termos:

Argumentar

Opinião

Refutar

Tese

Fato

Convencer

Persuadir

**Contra
argumentar**

CONVENCE	ARGUMENTAÇÃO	OPINIÕES
PERSUADIR	CONTRA-ARGUMENTO	TESE
POLÊMICA	REFUTAR	FATO

- A) “Palavras são só palavras, eu ouço todas. Mas o que me _____ mesmo a ficar na vida das pessoas são as suas demonstrações, essa é a verdade. Se eu me contentasse apenas com palavras me bastaria estar rodeada de livros.”
- B) “A defesa de ideias, a _____ e a crítica melhoram a democracia”.
- C) “Mude suas _____, mantenha seus princípios. Troque suas folhas, mantenha suas raízes”.
([Victor Hugo](#))
- D) O Brasil é, de _____, um país muito bonito.
- E) Nunca nos devemos deixar _____ senão por evidência da razão.
([René Descartes](#))
- F) “É mais fácil _____ erros que descobrir verdades” (Marquês Maricá)
- G) O _____ consiste na refutação contra um argumento oposto
- H) _____, é o que, comumente, chamamos de opinião, ponto de vista, posicionamento crítico. É ela a parte fundamental para a existência de um texto argumentativo.
- I) Pesquisadora da PUC-SP, Martha Maria Gonçalves de Carvalho, cria _____ ao defender, em sua tese de doutorado, a regulamentação do trabalho infantil de forma a amparar crianças que precisam contribuir para geração de renda nas famílias.

Plano de Aula 5 – Diferença entre fato x opinião.

- **Objetivos:** Aprender, através de leitura mediada pelo professor, localizar a presença de fatos, opiniões, tese e argumentos, dentro da composição textual
- **Recursos pedagógicos:** Canetas marca texto coloridas e folha impressa com exercícios (abaixo):
- **Quantidade de aulas:** 1
- **Local:** Sala de aula
- **Desenvolvimento:**
 - Após explicação sobre a diferença entre fatos e opiniões, que algumas vezes não estão explícitas no corpo textual, os alunos deverão fazer a leitura silenciosa e preencherão o quadro, como também, responderão as perguntas;
 - Você poderá observar se eles precisarão da sua ajuda;
 - Após todos terminarem, você fará uma releitura coletiva e pedirá que escolham uma cor para grifar cada opção: fato, opiniões a favor, opiniões contrárias, teses, argumentos e contra-argumentos, que você direcionará durante a devolutiva.
 - Importante considerar que os alunos verificarão se acertaram, por isso é necessário que a releitura seja realizada.

Plano de Aula 5 – ATIVIDADES

Pesquisadora defende trabalho infantil

27/06/2005/adminAprendiz

Pesquisadora da PUC-SP, Martha Maria Gonçalves de Carvalho, cria polêmica ao defender, em sua tese de doutorado, a regulamentação do trabalho infantil de forma a amparar crianças que precisam contribuir para geração de renda nas famílias. "Não sou a favor do trabalho infantil, no entanto, algumas dessas crianças são forçadas a parar de trabalhar, mas suas famílias não são amparadas por políticas públicas", afirma a doutora em ciências sociais.

A tese de doutorado analisou o percurso de 200 crianças com idade entre sete e 14 anos que trabalham e estudam. Segundo o Pnad 2003 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), no país cerca de 1,9 milhão de jovens entre 5 e 14 anos trabalham. Para a pesquisadora, os dados reforçam a necessidade de reconhecer a existência do problema e melhorar a condição de vida desses jovens, com uma lei que estabeleça garantias como piso salarial e jornada de trabalho. "É melhor do que dizer "não, não existe trabalho infantil", sendo que a gente sabe que há. Hoje não há amparo."

A Unicef (braço da ONU para a infância) é contrária à possibilidade de ser admitido o trabalho infantil em qualquer caso. A entidade também não concorda em regulamentar a atividade. "O trabalho não é só danoso à saúde, ele limita as perspectivas de vida", afirma a oficial de projetos do órgão, Alison Sutton. "As crianças que trabalham têm queda no rendimento escolar. Isso pode levar à discriminação e, conseqüentemente, à evasão escolar."

Para Alison, programas de assistência governamentais são o caminho para erradicar a atividade. Enquanto isso não ocorre, diz, deve-se buscar a conscientização da sociedade para o tema.

Fonte: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/content/pesquisadora-defende-trabalho-infantil>

Preencha a tabela de acordo com as informações encontradas no texto:

FATO	OPINIÃO A FAVOR	OPINIÃO CONTRA

Releia o texto e responda às questões:

- Qual é a **tese** defendida pela pesquisadora “Martha Maria Gonçalves de Carvalho”?
- Alison Sutton, oficial de projetos da Unicef, **refuta** a **tese** da pesquisadora Martha M.G. Carvalho. Qual foi o **contra-argumento** utilizado?
- Qual a possível solução apresentada pela Alison Sutton, para erradicar o trabalho infantil?

Plano de Aula 6 – O que é argumentar?

- **Objetivos:** Conceituar o termo “argumentar”; localizar argumentos em um texto e escrever os primeiros argumentos.

- **Recursos pedagógicos:** *Datashow* e folha impressa com exercícios

- **Quantidade de aulas:** 2

- **Local:** Sala de aula

- **Desenvolvimento:**

- Através do *Datashow*, exponha o conceito da Argumentação e faça a devida distinção entre manipulação e persuasão. Nesta altura do trabalho, é importante enfatizar que os argumentos devem ser elaborados e expostos de maneira ética e responsável, portanto, é necessário trabalhar com atenção essas definições.

- Após prática expositiva, explique que responderão algumas questões em grupo e através da socialização com os colegas, refletirão sobre o tema e escreverão os primeiros argumentos;

- Reúna os alunos em trios e solicite que façam as leituras. A atividade em grupo é importante pois permite troca de informações, incentiva a escuta do outro, superam dificuldades juntos; aprendem a respeitar o espaço do outro;

- Neste momento, é importante que você circule pela sala e **verifique** se os grupos conseguem realizar as atividades propostas.

- Finalize a aula com a devolutiva dos exercícios propostos.

Plano de Aula 6 – ATIVIDADES

De acordo com excerto, escrito por Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, **ARGUMENTAR** É:

“Tentar *influenciar* o nosso interlocutor por meio de *argumentos* cuja constituição demanda apresentação de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa de *tese* ou *ponto de vista*, visando à adesão do interlocutor. Quanto mais *argumentos* forem sustentados em provas que podem ser *fatos, exemplos, opiniões relatadas, dados estatísticos*, mais chances teremos de ser bem-sucedidos em nosso intento”. Fonte: Koch e Elias, 2017

Desta forma, leia o texto abaixo e responda às perguntas:

A Erradicação do Trabalho Infantil

1 O grande escritor Monteiro Lobato afirmava, em suas obras literárias, que “é somente através dos jovens que as mudanças necessárias ao mundo serão realizadas”. Nesse sentido, as falhas dos setores públicos e da sociedade, na garantia dos direitos infante-juvenis, tornam-se evidentes, haja vista a situação de exploração de trabalho a qual muitas crianças estão submetidas no Brasil.

2 Segundo o relatório da OIT - Organização Internacional do Trabalho - mais de 5 milhões de crianças e jovens trabalham no país. A fim de ajudar nos gastos familiares e nos custos da própria subsistência, crianças perdem a infância trabalhando em locais insalubres e perigosos, como na queima da casca do caju no nordeste brasileiro, e em posições não ergonômicas, como na quebra e carregamento de pedras, lesando, assim, a coluna e a saúde

3 Além de prejudicar a saúde das crianças, pesquisas feitas pelo PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - apontam que 60% dos jovens que trabalham tem péssimo rendimento escolar, sendo que a maioria desiste por sentir cansaço e falta de ânimo para estudar. É perceptível dessa forma, que o trabalho infantil acaba alimentando um ciclo vicioso de pobreza no Brasil, uma vez que, ao abandonar a escola, esses jovens não terão oportunidades no mercado de trabalho e nem perspectiva de sair da pobreza. Fonte: <https://www.projetedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-erradicacao-do-trabalho-infantil/44739a2fa5/>

- a) Em **sua opinião**, qual seria o melhor **argumento** para justificar o porquê “das falhas dos setores públicos” e da sociedade colaboram para a violação dos direitos infante-juvenis?
- b) A citação direta funciona como um “**argumento de autoridade**”, para reforçar e validar a opinião do autor, neste sentido, qual foi a citação utilizada e em que ela contribui para o posicionamento do autor.
- c) No segundo parágrafo, encontramos um **argumento** que justifica as falhas dos setores públicos e da sociedade, na questão A, você conseguiu aproximar desta “justificativa”?
- d) Cite as “provas” que validam os **argumentos** do segundo e do terceiro parágrafo.

Leia os textos e identifique os **argumentos** apresentados pelos autores (as):

“As três leis de Newton, a bioacumulação ou, ainda, a quebra da bolsa de Nova Iorque são exemplos de assuntos sobre os quais muitas crianças brasileiras jamais ouviram falar. Isso se deve, principalmente, porque em vez de estarem sentadas em carteiras escolares, sacam enxadas, procuram qualquer tipo de emprego. Esquecidos, em uma sociedade capitalista, esses “pequenos adultos” tentam ajudar como podem suas famílias – ou apenas a si mesmos.

De fato, para se entender o problema do trabalho infantil em nosso país, é necessário ressaltar a recorrente pressão dos familiares sobre essas crianças. Seja na cidade – onde o custo de vida é elevadíssimo, seja no campo – onde as condições são subumanas -, os filhos atuam como mão-de-obra fundamental para a sobrevivência de todos. Desse modo, cortar cana ou vender balas em sinais de trânsito acabam por distanciar a criança do seu real desenvolvimento”.

Plano de Aula 7 – Primeiro parágrafo argumentativo

- **Objetivos:** Entrar em contato direto com a escrita argumentativa e construir um parágrafo ou um argumento.
- **Recursos pedagógicos:** *Computador (e/ou celular)* e folha impressa
- **Quantidade de aulas:** 1
- **Local:** Laboratório de Informática
- **Desenvolvimento:**
 - Os alunos deverão ir ao Laboratório de Informática e se sentarão em duplas para acompanhar uma atividade. Se o número de computadores for insuficiente, solicite para os alunos que possuam celular, que os utilizem;
 - Você deverá criar um fórum, com a questão polêmica abaixo, e pedir para os alunos analisarem, refletindo sobre a problemática.
 - Solicite que eles avaliem as postagens de outras pessoas e pergunte se na opinião deles, se são convincentes;
 - Após análise, individualmente, deverão escrever pelo menos um argumento ou um parágrafo contendo argumentação e postar no fórum criado. Ressalte, que é necessário sempre reler antes de postar, pois devemos verificar se os argumentos não ferem os direitos humanos dos leitores. Abaixo, segue modelo do fórum que poderá ser elaborado:

Plano de Aula 7 – ATIVIDADES

Em um fórum da internet, foram postados os comentários, pela internauta “Ana Clara” e respondida por alguns usuários:

Autor	Mensagem
-------	----------

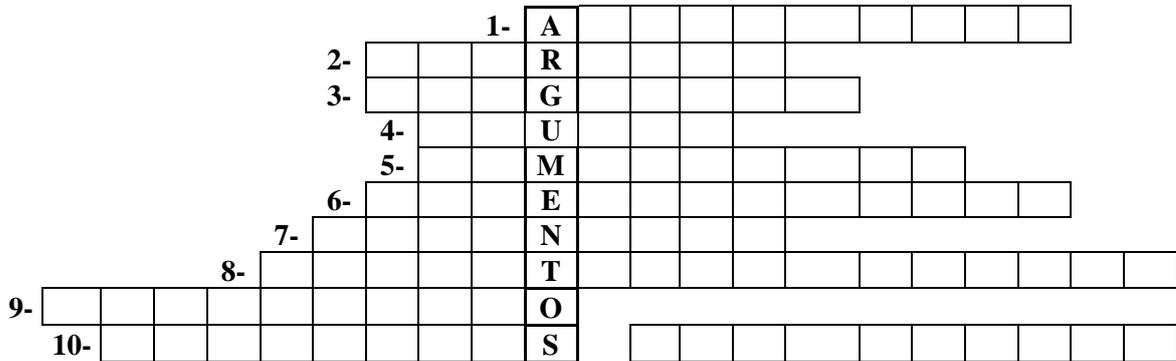
<p>AnaClara Veterano</p>	<p># jun/11 citar “Há pouco tempo, uma garota (15 anos) estava trabalhando em um restaurante, só ajudando, e ainda estava trabalhando. Ela trabalhava pela necessidade da família. Um fiscal ficou sabendo, foi lá, e multou o estabelecimento que estava "ajudando" a garota. E agora ela tem que arrumar um jeito de conseguir dinheiro. Será que isso esta realmente certo? Eu particularmente sou a favor do trabalho infantil, visto algumas condições. O que eu acho um absurdo um pessoal de 15 anos de idade nao poderem trabalhar. Desde quando isso tá na infancia? Voce é contra ou a favor o trabalho "infantil"? E pq? Ou em quais condições?”</p>
<p>Veterano</p>	<p># jun/11 “Com 15 anos eu fazia meus corres já, totalmente a favor, o foda é a exploração”</p>
<p>Guitar_Gafanhoto Veterano</p>	<p># jun/11 · Editado por: Guitar_Gafanhoto “com 15 anos meu pai começou a trabalhar, eu não acho absurdo se for conciliado com uma boa educação.”</p>
<p>Kobberminer Veterano</p>	<p># jun/11 “A favor, com certeza</p>
<p>Você</p>	<p>Você acredita que as opiniões expressas pelos usuários em relação ao post inicial são convincentes? Você os denominaria de “argumentos”? Por quê? Dê a sua opinião respondendo à postagem de Ana Clara e crie pelo menos, dois argumentos para justificar a sua afirmação.</p>

Plano de Aula 8 – Estratégias argumentativas

- **Objetivos:** Aprender como iniciar um parágrafo utilizando estratégias argumentativas;
- **Recursos pedagógicos:** *Datashow* e folha impressa com exercícios
- **Quantidade de aulas:** 1
- **Local:** Sala de aula
- **Desenvolvimento:**
 - Abra a aula questionando o porquê, até o presente momento, foram utilizados textos com apenas temática idêntica? Peça apenas que reflitam sobre o motivo.
 - Exponha no *slide*, a foto de um baú vazio e outro cheio de ouro.
 - Explique que o baú vazio representa o aluno sem nenhuma leitura, ao contrário do baú cheio, a quantidade de ouro representa as informações e palavras que o aluno adquiriu, e com isso, faz com que ele fale e escreva melhor;
 - Reforce que quanto mais se fazem leituras, mas ampliamos nosso repertório linguístico e conhecimento de mundo. Desta forma, vamos acrescentando palavras e conhecimentos sobre os assuntos, construindo assim, pontos de vista e argumentos para defendê-los. Portanto, as múltiplas leituras sobre o assunto é a primeira estratégia argumentativa.
 - Conceitue os tipos de argumentos, utilizados também como estratégia argumentativa, explicando e dando exemplos a saber: Autoridade, Narração, Perguntas Diretas, Causas e Consequências, Comparação, Categorização, Definição, Intertextualidade, Declaração (dados estatísticos) e Contexto Histórico;
 - Peça aos alunos para realizarem o desafio da “Cruzadinha” e mencione que as estratégias trabalhadas deverão ser retomadas na aula da produção final.

Plano de Aula 8 – ATIVIDADES

DESAFIO: Depois da explicação da professora, leia as definições dos tipos de argumentos e tente nomeá-las na cruzadinha abaixo:



- 1- Este argumento, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão defendida a respeito de certos dados, pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área.
- 2- Esta estratégia é boa porque agrada crianças, adolescentes adultos. É só ter uma boa história e saber contá-la.
- 3- Serve para orientar respostas que virão no desenrolar do texto.
- 4- Neste tipo de argumento, a tese ou conclusão é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados.
- 5- Escolhemos quando queremos utilizar o argumento salientando as semelhanças, os pontos comuns, as intersecções, dependendo da intenção do locutor.
- 6- Muito parecida com a definição, consiste em inventar um termo para que o leitor desperte, através do inédito, atenção para a argumentação.
- 7- Neste tipo de estratégia, é feita uma afirmação ou negação logo de saída que será justificada ou fundamentada em seguida.
- 8- Quando produzimos citações diretas e indiretas, demonstramos o nosso repertório cultural e os textos fontes dão “força” para nossa argumentação.
- 9- Nesta estratégia, a justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados, por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.
- 10- Utiliza historicamente um conceito que foi sendo contextualizado ao longo do tempo.

Cite o tipo de **argumento** utilizada pelos autores nos trechos abaixo:

“Nesse contexto, os principais efeitos observados decorrentes do trabalho infantil causam problemas físicos e psicológicos que dificilmente poderão ser revertidos. Uma das sequelas é a má formação física durante o desenvolvimento estrutural da criança, pois em alguns tipos de trabalho, o esforço aplicado pelo jovem é superior ao que ele pode suportar, ocasionando um excesso de peso carregado pelo corpo parcialmente formado. Além disso, o risco de fraturas, amputações, ferimentos e queimaduras, ou seja, ferimentos em geral, é muito grande, devido a pouca resistência da criança e ao fato de os equipamentos de segurança, que nem sempre são oferecidos, serem desproporcionais ao tamanho do jovem”. <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-ardua-realidade-do-trabalho-infantil/7bc429f495/>

“No Brasil do século XX, Monteiro Lobato dramatizou em uma de suas obras a história de Negrinha, uma menina filha de escravos que mesmo com a Lei Áurea, viveu e morreu na escravidão. Hoje, apesar de um século ter se passado, vários "Negrinhos" e "Negrinhas" estão espalhados por aí, diante dos olhos da sociedade das desigualdades. O trabalho infantil é consequência das mazelas sociais e têm como principais fatores as muitas responsabilidades e poucas oportunidades que essas crianças estão sujeitas.” <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-caneta-pela-enxada/dba86fa8cd/>

“No filme "A esperança vem do lixo", fica evidente a realidade do trabalho infantil no Brasil, onde três crianças, lutam para sobreviver em um lixão, sendo exploradas sem nenhuma perspectiva de vida. Nesse sentido, é retratada a realidade de muitas crianças brasileiras, principalmente, àquelas que vivem em zonas rurais, é notório que, precisamos reverter este quadro.” <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-ardua-realidade-do-trabalho-infantil/7bc429f495/>

“Primeiramente, desde do início da Revolução Industrial já era existente o trabalho infantil. Pois, muitas crianças eram obrigadas a chegar no âmbito do trabalho mais cedo, para ajudar na renda familiar, muitas foram exploradas sendo expostas aos problemas físicos e mentais. Porém, no cenário brasileiro não é diferente.” <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-ardua-realidade-do-trabalho-infantil/7bc429f495/>

“No Brasil, último país a acabar com a escravidão, tem em sua herança uma perversidade intrínseca de exploração, que torna a classe dominante enferma de desigualdade e descaso”. A máxima do antropólogo e político brasileiro Darcy Ribeiro, remete a ideia do atual formato do Estado brasileiro, que ainda sofre com a cultura da exploração. Dessa forma, para que seja compreendido a dinâmica do trabalho infantil, hão de ser analisadas as principais causas desse mal.” <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/a-realidade-do-trabalho-infantil-no-brasil/a-ardua-realidade-do-trabalho-infantil/7bc429f495/>

Plano de Aula 9 – Ampliando o léxico sobre o Trabalho Infantil

- **Objetivos:** Propiciar a leitura em sala de aula de variados gêneros sobre o Trabalho Infantil; perceber a presença da argumentação nesses gêneros e ampliar repertório linguístico e vocabulários através das leituras selecionadas.
- **Recursos pedagógicos:** *Datashow*, folhas impressas com os respectivos texto e canetas grifa-texto.
- **Quantidade de aulas:** 2
- **Local:** Sala de aula
- **Desenvolvimento:**
 - Escolha e distribua os textos aos alunos e peçam que leiam, grifando argumentos ou informações que julgarem pertinentes;
 - Após uma hora de leitura, coordene uma roda de conversa sobre os textos e a questão polêmica.;
 - Solicite que os alunos guardem os textos e as possíveis dúvidas, pois na aula seguinte, elas poderão ser sanadas e os alunos farão a escrita de um texto dissertativo-argumentativo.

Plano de Aula 9 – ATIVIDADES (Leitura)

Reportagem: Brasil é o país que mais reduziu trabalho infantil

As políticas integradas de combate à pobreza executadas pelo governo federal continuam produzindo resultados notáveis na área social. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), o Brasil é o País que mais retirou crianças e adolescentes do trabalho infantil nos últimos 12 anos. Entre 2001 e 2013, a redução foi de 58,1% enquanto a média mundial foi de 36% no mesmo período.

“As políticas afirmativas de redução da desigualdade e de combate à pobreza são importantes no contexto de diminuição do trabalho infantil”, defende o ministro interino do Trabalho e Emprego, Francisco Ibiapina. “À medida que uma família recebe um suporte financeiro, através, por exemplo, do Bolsa Família, tende a não colocar o filho para trabalhar e complementar a renda”, explica.

Segundo a secretária Nacional de Assistência Social do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Yeda Castro, é pelas políticas de transferência de renda, em especial a ação integrada do Bolsa Família, associadas ao trabalho social junto às famílias e a criação de mais oportunidades de trabalho para os pais, que o ciclo do trabalho infantil pode ser quebrado. “Isso com certeza tem contribuído fortemente para a redução da exploração [de crianças] pelo trabalho infantil”.

De fato, o Bolsa Família tem sido decisivo para afastar as crianças do trabalho infantil. O Censo Escolar da Educação Básica de 2012 revela que a taxa de abandono de estudantes beneficiários no Ensino Médio é de 7,4%, ante 11,3% entre os que não são beneficiários. No Nordeste, a diferença é ampliada: o índice de abandono é de cerca de 7,7% e 17,8%, respectivamente.

Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/06/brasil-e-o-pais-que-mais-reduziu-o-trabalho-infantil>

Crônica: O abençoado trabalho infantil

Gazeta Guaçuana / 21 de junho de 2016 /



Nascer pobre é bom, por incrível que possa parecer. Eu comecei a trabalhar informalmente aos 12 anos de idade, vendendo ovos, frangos e polvilho azedo aos vizinhos de minha casa. Aos 14 anos, iniciei minha vida profissional em jornal, onde desempenhei diversas atividades até dirigir empresas jornalísticas. Esse meu trabalho em tenra idade, hoje considerado trabalho infantil, é um erro em minha visão, pois as atividades que desenvolvi não prejudicaram meu crescimento físico ou mental. Em determinado tempo trabalhava em meio período, dedicando parte do dia à escola. Não havia prejuízo aos estudos, nem mesmo quando resolvi estudar no período noturno e me dedicar ao trabalho em tempo integral.

Minha mãe, em sua sabedoria, dizia que “trabalho de criança é pouco, mas quem não aproveita é bobo”. Eu sempre concordei com ela, desde que o esforço físico do trabalho seja compatível com a capacidade da criança e que, evidentemente, não atrapalhe os estudos. Hoje, o trabalho físico é crime. Contraditoriamente, o trabalho dentro de casa é permitido, ou passa aos olhos da lei. Uma criança não fica aleijada ao varrer a casa, lavar uma louça ou fazer trabalho compatível com sua estrutura corporal. Aliás, essas atividades caseiras são mais benéficas que os jogos de videogame ou a navegação por páginas pouco recomendáveis da internet, vícios que em nada contribuem para a formação do indivíduo.

Uma das coisas mais importantes no trabalho do menor é ele dar valor ao dinheiro, conquistado às duras penas. Eu valorizava meu salário e sabia gastar. Evidentemente, tomava meus sorvetes, mas também adquiria roupas e material escolar. Era gratificante saber que podia consumir sem dar satisfação a ninguém, embora compartilhasse minha vida financeira com minha mãe. Lembro-me de meu primeiro salário como empregado formalmente. Embora fosse apenas um salário mínimo – ele tinha muitas vezes mais poder de compra que o de hoje – eu recebi tanto dinheiro que até fiquei preocupado em guardar a fortuna. Para resolver o problema, emprestei de minha irmã Marilena um porta-joias de prata para servir como meu cofre.

Trabalhar cedo faz com que a criança se sinta adulta. Sabedor que eu estava “trabalhando”, um amigo de meu pai, Osvaldo Cirvidiu – pai do médico José Antonio Cirvidiu, abriu-me uma conta bancária no Banco Moreira Salles, onde era gerente. E lá estava eu, com 15 anos incompletos, portando um talão de cheques, com certeza, sentindo a responsabilidade dos adultos. É claro que meu pai assumiu a responsabilidade pela conta – e eu não o decepcionei.

Fonte: *Mauro Adorno de Campos Filho é jornalista e ex-diretor do O Impacto e Gazeta Guaçuana*, <https://www.gazetaguacuana.com.br/cronica-o-abencoado-trabalho-infantil/>

Notícia:**Leda Maria Linhares Nagle**

([Juiz de Fora](#), [5 de janeiro](#) de 1951) é uma [jornalista](#), [escritora](#), [atriz](#) e [apresentadora de televisão brasileira](#).^[1] Foi apresentadora do programa diário [Sem Censura](#), durante 20 anos na TV Brasil.^[3]



“A minha defesa do trabalho infantil, respeitada a tarefa compatível à idade, tem duas vertentes: uma, é que a criança começa a ser responsável desde cedo, dando valor ao dinheiro, ao perceber como é difícil conquistá-lo; outra, por estar desviando a criança do ócio que, em inúmeras vezes, a leva às más companhias e às drogas. Em muitos casos – e esse foi o meu – o salário ajuda no orçamento familiar. Trabalhar é bom, desde cedo: assim eu penso”.

Reprodução / Instagram

Notícia: Leda Nagle causa polêmica ao defender trabalho infantil

[Leda Nagle](#) causou polêmica no último domingo (07) ao usar suas redes sociais para apoiar uma declaração feita por Jair Bolsonaro, que em uma live feita recentemente pelo Facebook, se disse a favor do trabalho infantil.

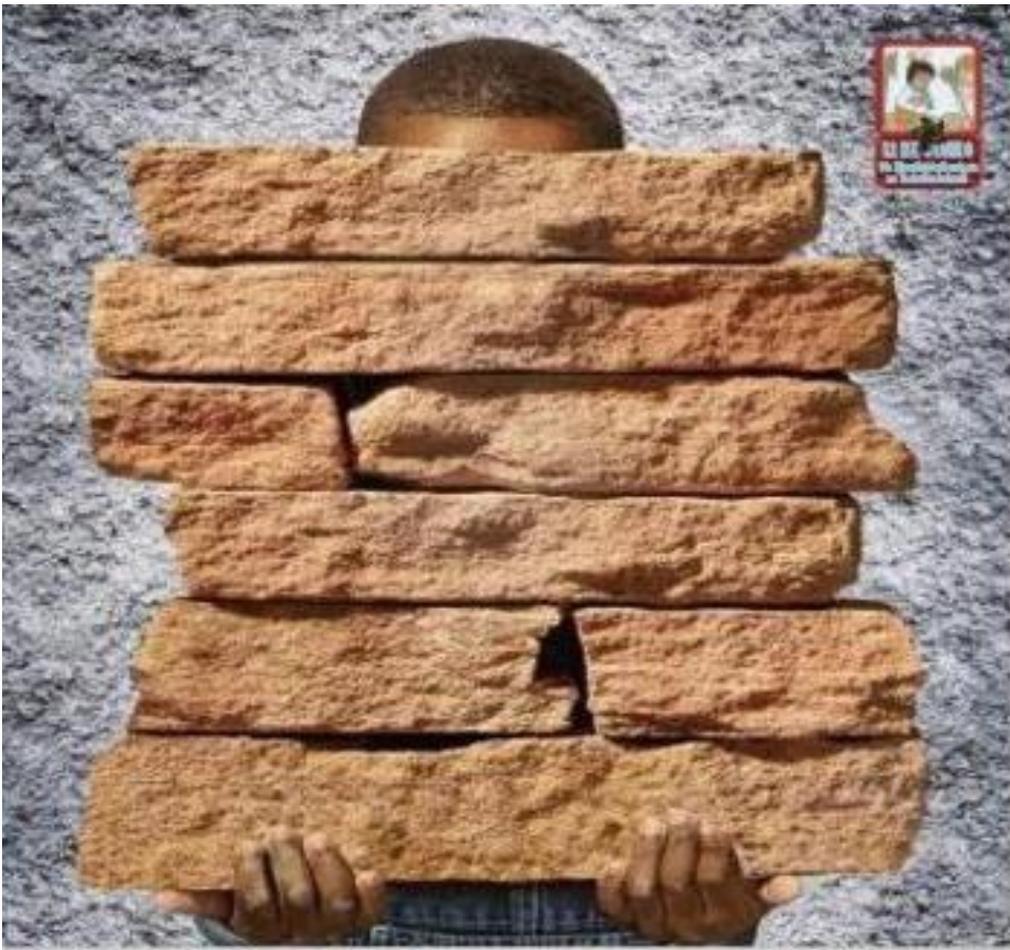
De modo a endossar a opinião do atual presidente da República Federativa do Brasil, a mãe do ator [Duda Nagle](#) narrou por meio de um tweet uma experiência pessoal. “Eu comecei a trabalhar aos 10 anos no Armazém Mineiro, nosso armazém! Meu, do meu pai e da minha mãe. Nós três trabalhamos juntos sempre. Eu ia pro Instituto Santos Anjos onde fui uma das suas melhores alunas e uma coisa nunca atrapalhou a outra”, declarou.

A postagem, claro, acabou desagradando muitos internautas, que fizeram questão de rebater a apresentadora no campo de comentários. “Hum, trabalhou no armazém do papai?! A senhora vive em que mundo para achar que uma criança que vende doces nas ruas terá o mesmo privilégio que você?”, disparou uma seguidora. “Verdade, vamos tratar nossas experiências burguesas pra medir a realidade de um país pobre e desigual como o nosso”, disse outro.

Nem mesmo Zoe, filha de Duda com [Sabrina Sato](#), saiu ileso de toda a confusão. Sem papas na língua, uma internauta sugeriu que Leda coloque a netinha para trabalhar durante a infância. “Já que ela apoia tanto trabalho infantil, é só ela esperar a Zoe crescer mais um pouco e colocar pra trabalhar então”, disse a mensagem. Diante das críticas, a jornalista, através de uma nova postagem, se defendeu.

“Claro que sou contra exploração de qualquer ser humano, adulto ou criança. Mas eu acho que o trabalho em família, mantendo o tempo de estudar e o tempo de brincar, pode sim ser somado ao tempo de trabalhar se preciso for. No meu caso foi assim e foi uma experiência feliz”, justificou Leda.

Fonte: <https://rd1.com.br/leda-nagle-causa-polemica-ao-defender-trabalho-infantil/>

Anúncio Publicitário:

**COM O TRABALHO INFANTIL,
A INFÂNCIA DESAPARECE.**

Gestores municipais, mobilizem sua comunidade e digam **NÃO**
a todas as formas de exploração do trabalho de crianças e adolescentes.

Ministério Público do Trabalho Secretaria Especial dos Direitos Humanos Ministério da Saúde Ministério da Educação Ministério do Trabalho e Emprego Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome



Fonte: <https://br.pinterest.co59680968669610/m/pin/3052>

Plano de Aula 10 – Escrevendo um texto argumentativo

- **Objetivos:** Elaborar um texto, levando em conta a organização da argumentação; produzir texto a partir das características discursivas do gênero textual dissertativo-argumentativo
- **Recursos pedagógicos:** Folha em branco para a produção textual
- **Quantidade de aulas:** 3
- **Local:** Sala de aula
- **Desenvolvimento:**
 - Faça um resumo de todos os conceitos estudados e reforce a estrutura do texto dissertativo-argumentativo;
 - Faça a revisão dos tipos de argumentos e peça que os alunos produzam um texto utilizando estratégias argumentativas;
 - Enquanto eles produzem, você poderá ajudá-los, conforme solicitem ajuda individual;
 - Reforce que podem usar trechos, dados e exemplos retirados do texto lido, desde que não deixem de citar as respectivas fontes.
 - Esteja sempre atento para auxiliá-los no que precisarem.

Plano de Aula 10 – ATIVIDADES

Após estudos sobre Argumentação e respectivas leituras mediadas pela professora, chegou a hora de você argumentar sobre o tema: Criança deve ou não trabalhar? Seu texto deverá seguir às orientações abaixo:

- Seu texto deverá ter no mínimo três parágrafos: Introdução, desenvolvimento e conclusão;
- No parágrafo do desenvolvimento, você deverá pensar em todos os textos lidos e estudados e escolher uma estratégia argumentativa (tipos de argumentos) para defender o seu posicionamento;
- Cuidado para não ferir os direitos humanos;
- Faça a caneta azul ou preta.

Bom trabalho!

APÊNDICE B - Questionário Pesquisa Argumentação**1-SEXO**

- FEMININO
 MASCULINO

2- IDADE

- 12 a 14 anos
 15 a 17 anos

3- VOCÊ MORA

- CIDADE
 ZONA RURAL

4- VOCÊ GOSTA DE ESCREVER

- SIM
 NÃO

5- VOCÊ ACHA IMPORTANTE SABER ESCREVER UM TEXTO?

- SIM
 NÃO

6- POR QUE VOCÊ ACREDITA SER IMPORTANTE SABER ESCREVER UM TEXTO?

- ESTIMULAR A CRIATIVIDADE COM A CRIAÇÃO DE PERSONAGENS E ENREDOS
 CONSEGUIR PASSAR NO VESTIBULAR
 ESQUECER OS PROBLEMAS, DISTRAIR
 PARA DEFENDER PONTOS DE VISTA
 TRANSMITIR INFORMAÇÕES REAIS NAS REDES SOCIAIS E APARELHOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA
 TODAS ESTÃO CORRETAS

7- VOCÊ SABE O QUE É ARGUMENTAÇÃO?

- DEFENDER UM DETERMINADO PONTO DE VISTA
 CONVENCER E INFLUENCIAR SOBRE UM DETERMINADO PONTO DE VISTA
 DAR SUA OPINIÃO SOBRE UM DETERMINADO PONTO DE VISTA
 JUSTIFICAR UM DETERMINADO PONTO DE VISTA
 TODAS AS REPOSTAS SÃO VÁLIDAS